

Revista

V.1,N.1, JUNHO 2022

# Faculdade Unifahe



R 454

Revista Faculdade Unifahe /[Editora chefe] Gilmara Belmiro da Silva  
– Vol.1, n. 1 (jun.  
2022. – São Paulo : Grupo Unifahe Educacional, 2022.

52p:il;color

1.Educação. 2. Pedagogia. 3. Ensino e Aprendizagem I. Belo, Mauricio

CDD:370

Catálogo: Maria Inês Meinberg Percin – Bibliotecária CRB- 8/5598



## CONSELHO EDITORIAL

Dra. Adriana Alves Faria  
Tiziana Azaria de Medeiros  
Marco Aurélio Claudiano da Silva

## EDITORA CHEFE

Gilmara Belmiro da Silva

## REVISÃO E NORMALIZAÇÃO DE TEXTOS

Ana Paula Pimentel

## PROGRAMAÇÃO VISUAL E DIAGRAMAÇÃO

WayShip

## PROJETO GRÁFICO

WayShip

## COPYRIGHT

Revista Unifahe Educacional  
Grupo Unifahe Educacional  
Rua Tupinambá, 606  
Tapajós - Mundo Novo - MS  
CEP 79.980-000  
Volume 1, Número 1  
(Junho, 2022) - SP  
Revista sem fins lucrativos

Publicação Mensal e  
multidisciplinar vinculada  
a Faculdade Unifahe

Os artigos assinado são de  
responsabilidade exclusiva  
dos autores e não expressam,  
necessariamente, a opinião do  
Conselho Editorial.

É permitida a reprodução total ou  
parcial dos artigos desta revista,  
desde que citada a fonte.

# EDITORIAL

A educação é um território sempre propício à sementeira de novas ideias. É neste sentido que nesta revista em sua primeira edição, somos convidados a experimentar a riqueza de produções que ampliam os olhares reflexivos acerca da educação e alimentam assim a práxis dos educadores e educadoras e demais interessados no tema.

A educação é um processo social e em um mundo cheio de transformações a escola não poderia ficar alheia à este processo. A escola como uma instituição formadora é convidada a rever o seu papel social e possibilitar experiências significativas aos seus educandos e educandas.

Neste sentido, o futuro exige daqueles que pensam a educação uma atuação coerente e ativa e para isso, compartilhar novas experiências, conhecimentos e pesquisas desde agora nos possibilita uma ação transformadora.

Em uma sociedade que requer uma educação de qualidade, inovadora e sustentável surge a necessidade de buscar espaços que possibilitem alçar novas reflexões e desafios. Neste sentido, a Revista Unifahe é um convite à construção destes espaços. E assim, nutridos por excelentes reflexões possamos construir a educação que queremos para o futuro.

Boa leitura a todos

Prof. Me. Alexandre Bernardo da Silva

Coordenador Pedagógico na Rede Municipal de São Paulo e Professor na Rede privada de ensino.



## SUMÁRIO

**05. AS RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA: MUDANÇAS DURANTE A PANDEMIA**

**06. AS CONTRIBUIÇÕES DE REGGIO EMILIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**15. A ESCUTA SENSÍVEL DA POP ART E ROY LICHTENSTEIN PARA A EDUCAÇÃO**

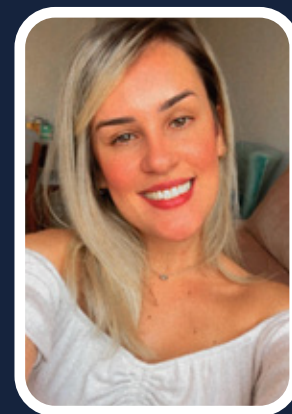
**23. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A CONSCIENTIZAÇÃO DAS CRIANÇAS EM MEIO A EDUCAÇÃO INFANTIL**

**29. A IMPORTÂNCIA DA ARTE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

**35. AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS NA EDUCAÇÃO**







# AS RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA: MUDANÇAS DURANTE A PANDEMIA

BRUNA DOS REIS - Graduação em Pedagogia pela Universidade Paulista (2012); Professora de Educação Infantil – no CEI Ayrton Senna da Silva, Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I – no CEU EMEF Vila Rubi.

## RESUMO

A sociedade brasileira tem passado por mudanças nas últimas décadas, incluindo-se a Pandemia, iniciada no final de 2019, influenciando não só a Educação como um todo, mas também, o contexto da Educação Infantil, fazendo com que o ensino questionasse o seu papel na sociedade do conhecimento. A Educação Básica encontra-se atualmente em um cenário turbulento no que tange à Educação, uma vez que as aulas foram desenvolvidas em grande parte pelo ensino remoto ao longo dos dois últimos anos. Assim, o contexto educacional está sofrendo inúmeras transformações. O presente artigo procura situar o contexto educacional no cenário atual pelo qual o mundo está passando devido a Pandemia, percorrendo o conceito de infância; as relações entre escola e família; e a criança e as tecnologias. A discussão sobre o tema foi realizada a partir de revisão bibliográfica a respeito do assunto. Os resultados encontrados demonstraram que houve em grande parte uma aproximação da família junto a seus filhos e a escola, devendo-se destacar que muitas crianças ficaram distantes do processo, talvez não pela família, mas, pela falta de recursos disponíveis.

Palavras-chave: Educação Infantil; Tecnologias; Ensino a Distância.

## INTRODUÇÃO

A criança quando se encontra no convívio com a família, estabelece e constrói conhecimentos em um ambiente em que ao mesmo tempo interage, aprende e incorpora os valores éticos e os significados afetivos. A Educação Infantil é um momento extremamente importante no desenvolvimento das crianças, e para que ela aconteça por completo, é necessário que a escola apresente uma interação com os pais e responsáveis para envolvê-los nos trabalhos desenvolvidos. A escola necessita propiciar momentos para a construção do conhecimento a fim de promover o desenvolvimento do educando de forma global, especialmente na Educação Infantil, onde se tem a finalidade de desenvolver integralmente a criança. Para que isso ocorra a família e a escola precisam entrar em comunhão a partir dos mesmos objetivos, buscando tornar a escola um ambiente saudável para a criança, pois já se sabe que a qualidade da Educação Infantil depende muito da parceria estabelecida entre família e escola.

Como problemática tem-se que a família precisa desempenhar sua função, sendo importante o acompanhamento do desenvolvimento escolar da criança, porém, nem sempre isso é possível e a escola sozinha não é capaz de conseguir atingir esse conteúdo como um todo, necessitando da presença e acompanhamento dos pais na educação da criança. Como justificativa tem-se algumas hipóteses que contribuem para compreender esse fenômeno, como por exemplo, a aprendizagem que a criança apresenta possui estreita relação entre a maneira como a família se relaciona com a temática e com a instituição escolar; a responsabilização pela educação dos filhos se tornarem exclusividade da escola; aspectos afetivos entre família e escola que não facilitam a aclimação da criança quando ingressa na mesma; e a falta de atividades que envolvam a família para participar da vida escolar.

Assim, o presente artigo baseou-se em revisão bibliográfica, tendo como objetivo geral discutir a importância do envolvimento da família no ensino dos filhos; e como objetivo específico discutir as relações que a criança passou a ter com a tecnologia voltada para o ensino remoto em especial, a partir do começo de 2020 devido ao isolamento social conferido pela Pandemia.

## RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA

A escola passou a assumir o papel de educar recentemente a partir de mudanças significativas que ocorreram ao longo do tempo em relação à maneira como os pais lidam com os filhos. Quando as primeiras instituições educacionais começaram a aparecer, os pais passaram a se preocupar mais com seus filhos e manter certa vigilância em relação à sua educação.



Ariés (2006), relata que no fim da Idade Média as crianças começaram a ter espaço no contexto familiar. Foi somente no século XVII que a família passou a ter um papel diferenciado onde as crianças começaram a se tornar elementos indispensáveis na vida dos pais fazendo com que as famílias começassem a se preocupar com a sua educação.

Assim:

Costuma-se dizer que a família educa e a escola ensina, ou seja, à família cabe oferecer à criança e ao adolescente a pauta ética para a vida em sociedade e a escola instruí-lo, para que possam fazer frente às exigências competitivas do mundo na luta pela sobrevivência (OSORIO, 1996, p.82).

Ainda segundo Ariés (2006), a criança era vista na época como um adulto em miniatura, não havendo o efetivo entendimento de suas necessidades reais. Com o tempo a situação mudou fazendo com que ela passasse a receber atenção tanto da família quanto da instituição escolar passando a se complementar.

A sociedade passou por diferentes transformações que afetaram a estrutura e o equilíbrio das famílias. A escola tem tentado se adaptar a essas mudanças, mas, o que emerge nos dias atuais é justamente a interação e o laço entre família e escola, a fim de promover uma maior eficiência na educação e no desenvolvimento das crianças.

A família é o primeiro núcleo a modelar a criança a partir das relações que se estabelecem, das expectativas e dos desejos que ocorrem e determinam o comportamento infantil. Os pais desde antes do nascimento costumam estabelecer vínculos com a criança que permitem a atenção e o cuidado no momento da construção da sua identidade.

Durante esse processo de construção, a criança precisa ser vista e reconhecida na sua individualidade desenvolvendo autonomia e independência, não só em casa, mas, também em outros ambientes como no caso da escola (SÁNCHEZ et al., 2003).

Piletti (2004) discute que é fundamental o envolvimento das famílias no sucesso escolar da criança. Esse processo pode ocorrer a partir de serviços direcionados para a comunidade, envolvendo-as na forma de uma parceria, além de propiciar à sociedade informações sobre o atendimento das demandas escolares.

Assim, existem propostas relevantes para realizar essa aproximação e para que as crianças conheçam também os responsáveis por seus colegas, além de outras questões estreitando os laços entre educando, escola e família.

A escola deve compreender que os responsáveis apresentam diferentes níveis de interesse em relação a esse ambiente sendo importante estimular o apoio deles no contexto escolar. Deve-se levar em consideração o seu conforto com base nas experiências pessoais que teve com a escola:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades (PIAGET, 1972 apud JARDIM, 2006, p.50).

Froebel (2001 apud ARAÚJO, 2010), discute que as famílias têm enfrentado dificuldades não só com relação à educação dos filhos, mas, quanto a disponibilidade de tempo para o acompanhamento das demandas da criança. O contexto escolar muitas vezes se depara com pais e responsáveis submetidos a jornadas de trabalho exaustivas, dificultando o acompanhamento das expectativas da escola e da participação na vida escolar. Muitas vezes as mães são responsáveis não só pela criança como também pelo sustento da família, resultando em certa segregação mesmo que involuntária em relação ao acompanhamento da mesma:

Isto se dá porque: Uma das transformações mais significativas na vida doméstica e que redundava em mudanças na dinâmica familiar é a crescente participação do sexo feminino na força de trabalho, em consequência das dificuldades econômicas enfrentadas pelas famílias. O fato de as mulheres, em particular as esposas tornarem-se produtoras de rendimentos e parcerias, importantes na formação do orçamento da família, confere-lhes nova posição na estrutura doméstica e tanto altera os indivíduos que as unem ao marido e aos filhos, quanto contribui para o redimensionamento da divisão sexual do trabalho (ROMANELLI, 2002, p. 77).

Nesse contexto, os responsáveis muitas vezes acabam superprotegendo essas crianças. Hoje, a realidade familiar atrelada ao pouco tempo que se tem com os filhos faz com que muitas vezes os responsáveis enxerguem a escola como um ambiente que tem a obrigatoriedade de educar.

Por isso, existe a necessidade de realizar atividades e desenvolver atitudes que contribuam para o ingresso dos responsáveis para dentro da escola, o que acabou acontecendo mesmo que sem querer a partir do ensino remoto em 2020, devido a Pandemia.

## A QUESTÃO DO ENSINO REMOTO

A Educação a Distância (EaD), foi concebida inicialmente como: “[...] de caráter descritivo, com base no ensino convencional, destacando, para diferenciá-las, a distância (espaço) entre professor e aluno e o uso das mídias” (GUAREZI e MATOS, 2012, p. 18).

Essa modalidade de ensino possui certas características como a autonomia, a comunicação e os processos tecnológicos que a envolvem. Quanto à autonomia, o educando tem a opção de escolher o melhor horário e local para estudar; a comunicação, já que todos podem estar conectados ao mesmo tempo e o tecnológico que envolve habilidades quanto ao seu uso: “hoje, principalmente com as possibilidades da internet, tem priorizado, em suas metodologias, a comunicação de diversas formas: um para um, um para muitos, muitos para muitos” (GUAREZI e MATOS, 2012, p. 90). Costa (2017), relata que essa modalidade de ensino foi regulamentada a partir do Decreto nº 5.622/ 2005, pelo Ministério da Educação e o Artigo 80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), que trouxe: “O poder público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de



ensino, e de educação continuada.”

O Artigo 1º caracteriza como: “Modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de comunicação e informação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos”.

É preciso considerar que quando o educando participa e interage com o docente utilizando-se a TDIC, acaba aprendendo, mesmo que de forma não presencial. A Pandemia que se iniciou no fim de 2019, fez com que as escolas necessitassem ampliar o ensino a distância para a Educação Básica a fim de garantir a saúde e a integridade de todos os educandos.

A LDBEN já previa essa possibilidade em casos de emergência. Os Conselhos de Educação de vários Estados regulamentaram e ampararam as escolas que optaram por continuar suas atividades pedagógicas de maneira remota.

No começo, a Educação Básica precisou se adaptar às novas formas de ensinar, incluindo a Educação Infantil. A adoção de atividades não presenciais foram apoiadas pelo uso de ferramentas como as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), tendo mostrado um possível caminho para minimizar as perdas causadas pelo isolamento social.

Porém, deve-se lembrar que existe uma grande lacuna na educação, entre o ensino da escola pública e da particular. Em termos de tecnologias de aprendizagem, pode-se destacar que as escolas particulares apresentaram um maior domínio em relação às TDIC nas aulas online, o que demorou para ocorrer nas escolas públicas.

No caso da Educação Infantil, a situação ficou ainda mais complicada devido ao fato de que muitas redes não conseguiam definir uma forma de se trabalhar remotamente, onde muitos professores se viram obrigados a dar aulas via whatsapp ou outras plataformas, enviando atividades como brincadeiras, histórias, músicas, recaindo em um processo bastante limitado o que acabou sendo visto como uma etapa escolar esquecida segundo diversos pesquisadores.

Devido a esse contexto, muitos pesquisadores questionaram se o ensino remoto poderia ser visto realmente como educação a distância, uma vez que não conseguiu contemplar todas as exigências desta categoria de ensino.

As Políticas Públicas precisaram repensar nessa nova concepção de ensino principalmente em relação as escolas públicas, uma vez que boa parte da população não conseguiu ter acesso a esse tipo de ensino, principalmente devido à falta de equipamentos, deixando essas crianças em especial, com menos perspectivas em relação a aprendizagem. O contexto educacional da Educação Básica nesse momento, não pode exatamente falar em autonomia dos educandos, sem discutir o tipo de ensino que está ocorrendo. Essa concepção veio se modificando ao longo dos anos, mas, ainda atende às novas necessidades principalmente pela evolução dos recursos tecnológicos (VILAÇA, 2016).

Deve-se levar em consideração também que existem muitas falhas no sistema educacional brasileiro reconhecendo que a qualidade do ensino, tanto pública como privada em todos os níveis é em boa parte das instituições, deficiente.

Por isso, especialmente na Educação Infantil, foi preciso priorizar atividades que tragam o corpo em movimento para que a criança conceba o entendimento de corpo, saúde e mente, respeitando seus limites e os dos outros (ZULIAN e FREITAS, 2001).

Videos explicativos, danças, jogos, músicas, entre outras atividades, puderam contribuir para desenvolver essas habilidades em tempos de Pandemia. Não se esquecendo de outras formas de ensinar, uma vez que nem todas as crianças possuem acesso à internet. Por isso, é preciso repensar em outras estratégias a fim de que se atinja a todos os educandos, principalmente nesse retorno presencial a fim de considerar a recuperação das aprendizagens.

## LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Ludicidade passou a fazer parte efetivamente da Educação Infantil, no Brasil no contexto da Escola Nova. Até então jogos e brincadeiras não eram vistos como atividades que poderiam desenvolver diferentes aspectos cognitivos e motores nas crianças, não recendo assim a devida importância.

Com a nova metodologia começou a ter a devida importância. Diversos pesquisadores discutem que o aspecto psicomotor é contemplado dentro das escolas em dois diferentes momentos: na Educação Infantil; e no Ensino Fundamental. A Educação Infantil recebe destaque nesse quesito uma vez que nesta fase as crianças estão descobrindo e explorando o mundo, compreendendo que o desenvolvimento infantil ocorre desde o nascimento até os cinco a seis anos de idade.

Nessa fase tão importante a criança inicialmente se socializa junto a família, por diferentes meios, mas, é efetivamente na escola que as relações sociais se modificam a partir do convívio e de novas descobertas vivenciadas ao lado de diferentes adultos e crianças.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), é um documento que direciona o trabalho docente indicando quais competências e habilidades devem ser desenvolvidas na Educação Infantil, além de orientar o que deve ser aplicado já que não existe um currículo delimitado como o que acontece no restante da Educação Básica: “Nesta modalidade de educação as crianças devem ser estimuladas através de atividades lúdicas e jogos, a exercitar as capacidades motoras, a fazer descobertas e a iniciar o processo de alfabetização” (BRASIL, 1998, p.32).

O documento orienta entre outras questões que o docente pode utilizar atividades corporais a fim de observar as expressões da motricidade infantil, além de compreender o caráter lúdico e expressivo, aprofundando atividades que contemplem o desenvolvimento de aspectos mais específicos do ponto de vista do desenvolvimento corporal e motor (BRASIL, 1998).

Utilizar o lúdico como prática pedagógica facilita o ensino e a aprendizagem das crianças. Os jogos e brincadeiras trabalham o encontro com o verdadeiro eu, no sentido de pertencimento e da existência do outro.

Porém, nem sempre o lúdico é algo prazeroso ou divertido. O principal é que a criança ao participar desse tipo de atividade aprende a viver, adquire experiência para lidar com situações difíceis, pratica atividades físicas, desenvolve a autonomia, além de conviver, dividir e respeitar:

Em 1998, escrevi um texto intitulado “Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade”, no qual explicitava a seguinte compreensão da ludicidade: “Tomando por base os escritos, as falas e os debates, que tem se desenvolvido em torno do que é lúdico, tenho tido a tendência em definir a atividade lúdica como aquela que propicia a ‘plenitude da experiência’”. Comumente se pensa que uma atividade lúdica é uma atividade divertida. Poderá sê-la ou não. O que mais



caracteriza a ludicidade é a experiência de plenitude que ela possibilita a quem a vivencia em seus atos (LUCKESI, 1998, p.9-25).

As atividades lúdicas podem ser agradáveis e devem contribuir para o desenvolvimento dos aspectos cognitivos. Os docentes da Educação Infantil devem garantir espaço para as brincadeiras em todas as fases de desenvolvimento, possibilitando perspectivas imaginárias, reais e construtivas, priorizando o desenvolvimento pleno das crianças. Com os jogos e brincadeiras, acaba-se construindo conceitos e superando dificuldades no processo de aprendizagem, principalmente com relação ao prazer em aprender (DESSEN e POLONIA, 2007). Por isso, a ludicidade em sala de aula é fundamental para o desenvolvimento pleno da criança:

Brincar, jogar, agir ludicamente, exige uma entrega total do ser humano, corpo e mente, ao mesmo tempo. A atividade lúdica não admite divisão; e, as próprias atividades lúdicas, por si mesmas, nos conduzem para esse estado de consciência. Se estivermos num salão de dança e estivermos verdadeiramente dançando, não haverá lugar para outra coisa a não ser para o prazer e a alegria do movimento ritmado, harmônico e gracioso do corpo. Contudo, se estivermos num salão de dança, fazendo de conta que estamos dançando, mas de fato, estamos observando, com o olhar crítico e julgativo, como os outros dançam, com certeza, não estaremos vivenciando ludicamente esse momento (LUCKESI, 1998, p.21).

No caso da autonomia corporal que é dos meios de se construir a identidade corporal da criança, se desenvolve nas relações que ocorrem a partir da socialização. As crianças se aproximam e se apropriam de elementos culturais que se traduzem em conhecimentos, atitudes, práticas, valores e regras (GARANHANI e MORO, 2000). A integração desses eixos ocorre ao brincar, onde a criança experimenta, explora e compreende os significados culturais presentes no seu meio, significa e ressignifica conhecimentos.

Ainda, as crianças passam a dominar seus medos quando brincam demonstrando através dos brinquedos. Isso ocorre porque as crianças têm a capacidade de simbolizar desde pequenas: "Os brinquedos podem permitir que as crianças superem o medo dos objetos e eliminem o medo dos perigos internos; torna-se uma prova do mundo real e, portanto, torna-se um" entre a fantasia e a realidade " (KLEIN apud ABERASTURY, 1982, p. 48).

A aplicação de certos jogos pode salvar certas tradições, incluindo o desenvolvimento global das crianças, pode-se resgatar jogos e brincadeiras tradicionais que fizeram parte da vida dos próprios adultos, fazendo com que a criança aprenda a importância de resgatar determinadas brincadeiras, contribuindo com a questão cultural.

Os jogos são a base para a construção do conhecimento e incentivo ao convívio social. Portanto, é necessário fazer uma revolução na cultura escolar e olhar para o comportamento do jogo a partir de perspectivas diferentes, para além da ideia de que os jogos são relacionados apenas a momentos divertidos.

Ainda, existe a importância do brincar para o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, social, cultural, afetivo, emocional e cognitivo. É necessário conscientizar pais, educadores e a sociedade sobre as contribuições da ludicidade durante a Educação Infantil, que deve ser vivenciada na infância, fazendo parte da aprendizagem. O brincar proporciona o estabelecimento de regras construídas por si e por um grupo, ajudando na integração dos indivíduos na sociedade:

A experiência de meninas e meninos na educação infantil pode ser considerada como um rito de passagem contemporâneo que antecipa a escolarização, por meio da qual se produzem habilidades. O minucioso processo de feminilização e masculinização dos corpos, presente no controle dos sentimentos, no movimento corporal, no desenvolvimento das habilidades e dos modelos cognitivos de meninos e meninas está relacionado à força das expectativas que nossa sociedade e nossa cultura carregam. Esse processo reflete-se nos tipos de brinquedos que lhes são permitidos e disponibilizados: para que as crianças "aprendam", de maneira muito prazerosa e mascarada, a comportasse como "verdadeiros" meninos e meninas (FINCO, 2007, s/p).

Ou seja, brincar é uma ação livre, aparece e se executa a qualquer momento pela criança; deixa as pessoas felizes e não exige o produto como condição; ensina regras, desenvolve a linguagem, e diferentes habilidades. A Educação Infantil precisa contemplar todos os aspectos de desenvolvimento humano nas crianças a fim de que elas possam avançar para outras etapas com segurança e autonomia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Infantil é um período que jogos e brincadeiras devem ser utilizados no ambiente escolar, para desenvolver diferentes aspectos na criança como o fator cognitivo, a coordenação motora, a socialização, o respeito às regras, o convívio social, a integração, entre outras situações, desenvolvendo-se integralmente no individual e no coletivo.

O RCNEI traz a proposta de trabalhar a ludicidade por meio de jogos e brincadeiras em um viés educativo, desenvolvendo as crianças e respeitando o mundo que as cerca compreendendo diferentes estímulos, a fim de se sentirem pertencentes à sociedade em que vivem.

No caso da relação das crianças e o uso das tecnologias, em especial ao longo da Pandemia, quando bem orientada e acompanhada por um adulto, pode influenciar positivamente a aprendizagem fazendo com que a criança desenvolva inclusive a alfabetização digital, porém, uma das questões que surgiram foi como garantir a educação dos educandos em tempos de Pandemia.

Apesar dos esforços em dar aulas de forma remota é preciso repensar nas práticas uma vez que muitas crianças ficaram sem acesso, em especial aquelas pertencentes a famílias de baixa renda.

É necessário pensar que na Educação, onde se presa tanto à inclusão, acabou excluindo mais que incluindo a partir do ensino remoto. Muitas crianças ficaram afastadas das escolas e por esse motivo, é fundamental que o educador tente





garantir ao máximo a inclusão desses educandos agora no retorno presencial.

Pensando na criança, a mesma se desenvolve brincando, ao mesmo tempo em que adquire conhecimentos para a sua realidade. Ou seja, a ludicidade deve estar presente em todas as fases da vida para que não se perca o encantamento do mundo que a cerca. E a Educação Infantil é a melhor fase para que isso aconteça. Nessa fase a criança é aberta aos acontecimentos, o que contribui com o seu desenvolvimento pleno.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. *Psicanálise da Criança: Teoria e Técnica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

ARAÚJO, G.B.M. *Família e Escola: parceria necessária na educação infantil*. 2010. 20 f. Artigo (Especialização em Educação Infantil) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/37677475/familia-e-escola-parceria-necessaria-na-educacao-infantilpdf>. Acesso em: 12 jun. 2022.

ARIÉS. P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSTA, A.R. A educação a distância no Brasil: Concepções, histórico e bases legais. *Revista Científica da FASETE* 2017.1 | 59.

DESSEN, M.A.; POLONIA, A. da C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia* (Ribeirão Preto) [online]. 2007, vol.17, n.36, pp. 21-32. ISSN 0103-863X. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/dQZLxX-CsTNbWg8JNGRcV9pN/?lang=pt>. Acesso em 13 jun. 2022.

FINCO, D. A educação dos corpos femininos e masculinos na Educação Infantil. In: Faria, Ana Lúcia G. de. *O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes*. São Paulo, Cortez, 2007.

GARANHANI, M.C.; MORO, V.L. A escolarização do corpo infantil: uma compreensão do discurso pedagógico a partir do século XVII. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 16, p. 109-119, 2000.

GUAREZI, R.C.M.; MATOS, M.M. *Educação à distância sem segredos*. Curitiba: Inter Saberes, 2012.

JARDIM, A.P. *Relação entre Família e Escola: Proposta de Ação no Processo Ensino Aprendizagem*. Presidente Prudente: Unoeste, 2006.

LUCKESI, C.C. Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade, in *Interfaces da Educação, Cadernos de Pesquisa – Núcleo de Filosofia e História da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, UFBA, vol. 2, no. 1, 1998, p. 9-25*.

OSORIO, L.C. *Família Hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PILETTI, N. *Sociologia da Educação*. São Paulo: Ática, 2004.

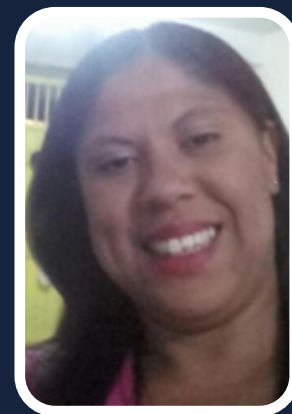
ROMANELLI, G. *Autoridade e poder na família*. In: CARVALHO, M. *Família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 2002.

SÁNCHEZ, P.A.; MARTINEZ, M.R.; PEÑALVER, I.V. *A psicomotricidade na educação infantil: uma prática preventiva e educativa*. Porto Alegre: Artemed, 2003.

VILAÇA, M.L.C. *Tecnologia, sociedade e educação na era digital (livro eletrônico)*. Elaine Vasques Ferreira Araújo (Org.). Duque de Caixas, RJ, UNIGRANRIO, 2016, 300p.

ZULIAN, M.S.; FREITAS, S.N. *Formação de professores na educação inclusiva: aprendendo a viver, criar, pensar e ensinar de outro modo*. *Cadernos de Educação Especial / Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação / Departamento de Educação Especial / Laboratório de Pesquisa e Documentação - LAPEDOC - Vol. 2 (2001) - Nº 18 (2001) - 112 p. - Santa Maria*. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista/ceesp/2001/02/r5.htm>. Acesso em 14 jun. 2022.





# AS CONTRIBUIÇÕES DE REGGIO EMILIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ÉRICA LEAL DE SOUZA MARTINS - Graduação em Pedagogia – Licenciatura Plena pela Faculdade Anhanguera de Taboão da Serra (2010); Professora de Educação Infantil – no CEMEI Jardim Dom José I, Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I - na EMEI Cohab Valo Velho.

## RESUMO

A ludicidade faz parte do contexto infantil, pois, por meio das brincadeiras, a criança se comunica consigo mesma e com o mundo, aceitando a existência dos outros, estabelecendo relações sociais e construindo conhecimentos. Dentre as inúmeras metodologias, tem-se por exemplo, a metodologia Reggio Emilia, que traz uma pedagogia voltada para a habilidade da escuta e do reconhecimento das múltiplas potencialidades que a criança traz consigo, demonstrando a importância da escuta junto as crianças a fim de promover novas formas de enxergá-las. Esse contexto evidencia o valor de cada criança zelando por um modelo educativo que possibilite trabalhar todas as particularidades destes educandos e de suas famílias. Assim, como objetivo geral o presente artigo trata da questão do olhar cuidadoso junto as crianças visando o seu desenvolvimento durante todo o processo educativo, demonstrando que ao se trabalhar com a ludicidade, não se abandona a seriedade e a importância do conteúdo a ser apresentado à criança, já que brincar é fundamental para o seu desenvolvimento e aprendizagem. Como objetivo específico tem-se a discussão da metodologia Reggio Emilia e as suas contribuições para o desenvolvimento pleno na infância. A metodologia utilizada foi a qualitativa baseando-se em levantamento bibliográfico e os resultados indicaram que o lúdico pode e deve ser trabalhado na Educação Infantil.

Palavras-chave: Reggio Emilia; Desenvolvimento Infantil; Ludicidade.

## INTRODUÇÃO

Atualmente, a Educação compreende que as crianças se desenvolvem cada uma seu tempo e de acordo com as suas especificidades. A infância é reinventada a todo o momento pela sociedade, onde muitas vezes cria-se uma perspectiva do que e como as crianças devem agir.

Essa perspectiva nada mais é que uma convenção cultural, existindo muitas visões possíveis. Algumas concepções concentram-se no que as crianças são e no que podem ou devem fazer; enquanto em outros momentos, baseia-se no que não são e no que não podem fazer.

O estudo da metodologia baseada na pedagogia de Reggio Emilia, gera reflexões e novas perspectivas para o cenário educacional brasileiro levantando questões que permeiam o trabalho com a primeira infância e que envolvem aspectos teóricos, pedagógicos e metodológicos relacionados ao cuidar, o educar e o brincar.

Como problemática tem-se que há uma dicotomia quanto as influências daquilo que a escola, os professores e a sociedade esperam das crianças, desconsiderando muitas vezes suas necessidades. Assim, é preciso um novo olhar em relação ao ambiente escolar.

Desta forma, nota-se que o mundo infantil é extremamente heterogêneo, fazendo com que os educandos estejam em contato com várias realidades diferentes das dela, aprendendo valores e estratégias que podem vir a contribuir para a formação de sua identidade social e pessoal.

Ao compartilhar com seus pares e com outros adultos, novos modos de agir surgem e transformam o olhar para a sociedade na qual estão inseridas. As crianças atualmente são consideradas protagonistas do próprio conhecimento e juntamente com as demais pessoas, estão envolvidas com a construção social, com o compartilhamento de diferentes responsabilidades, saberes, necessidades, interesses com seus colegas e com os adultos à sua volta.

Assim, como justificativa, é preciso que o ambiente escolar reconheça esse protagonismo, desenvolvendo a criatividade, repensando nas práticas e trazendo maior leveza ao ensinar e aprender, encontrando a recíproca necessária a fim de garantir a autonomia e a participação de todos os atores sociais envolvidos.

Como objetivo geral, o presente artigo trata do olhar cuidadoso junto as crianças visando o seu desenvolvimento durante o processo educativo, demonstrando que ao se trabalhar com a ludicidade, não está se abandonando o compromisso e a importância do conteúdo a ser apresentado à criança, já que brincar faz parte do processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Como objetivo específico tem-se a discussão da metodologia Reggio Emilia e suas contribuições para o desen-



volvimento pleno das crianças. A metodologia utilizada para a presente pesquisa foi a qualitativa por intermédio de levantamento bibliográfico e os resultados indicaram que o lúdico pode e deve ser trabalhado na Educação Infantil.

## O DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA PERSPECTIVA DE REGGIO EMILIA

O indivíduo aprende a se organizar no mundo em função das interações vividas com outros sujeitos sociais. A presença do outro ser social pode se manifestar nas mais variadas formas como nos objetos, espaços, costumes e atitudes, culturalmente definidos (TIRIBA, 2008).

Na Educação Infantil é possível encontrar inúmeras pluralidades e singularidades, sendo necessário levá-las em consideração durante todas as etapas educacionais. Isso contribui para que os educandos se livrem das amarras estabelecidas pelas instituições de ensino, garantindo o seu protagonismo (KEFTA, 2011).

Na concepção de Reggio Emilia, tem-se como princípio as experiências baseadas em uma filosofia singular para a Educação Infantil. A criança é vista como sujeito ativo de suas capacidades, ou seja, protagonista e autônoma ao construir seu próprio conhecimento. Nessa perspectiva, o desenvolvimento se dá por diferentes aprendizagens: expressiva, comunicativa, cognitiva, simbólica, racional, entre outras que farão dela uma criança plena.

O precursor desse tipo de abordagem de ensino foi Lóris Malaguzzi, que juntamente com outras pessoas incorporou e aprimorou suas ideias. Um ponto importante a ser destacado é que neste tipo de metodologia, as escolas não possuíam muros, o que de certa forma as mantinham próximas do contato com a comunidade, as famílias e a sociedade.

Reggio Emilia, cidade do norte da Itália, acabou se destacando na década de 1990 como referência na área educacional devido aos altos índices de aprendizagem na Educação Infantil. Um pequeno grupo de pessoas teve a ideia de reconstruir a cidade, garantindo um futuro sólido por intermédio da construção de escolas de Educação Infantil (CARVALHO e RUBIANO, 2007).

A primeira escola foi construída com a verba obtida da venda de um tanque de guerra, seis cavalos e três caminhões, deixados pelos próprios alemães. Esse movimento envolveu a comunidade como um todo, especialmente os pais de filhos pequenos, nascendo do desejo de reconstruir suas próprias histórias e da possibilidade de proporcionar uma vida melhor para seus pequenos (MALAGUZZI, 1999).

A ideia principal era focar na observação das crianças, com base em estratégias e intervenções baseadas no desenvolvimento de aprendizagens, análise e reflexão de hipóteses, adequando às crianças propostas, conteúdos e posturas. Os professores de Reggio Emilia reuniram teorias e conceitos de diferentes movimentos e pensadores, como Vygotsky, Piaget, Dewey, Wallon, Decroly, entre outros, agregando assim ideias da pedagogia, filosofia, ciência, literatura e comunicação visual (HORN e SILVA, 2011).

Quanto à concepção de infância, neste tipo de metodologia a criança possui cem linguagens, que contemplam cem mundos para descobrir, inventar, explorar e sonhar. Essa concepção trouxe diversas contribuições para a Educação Infantil, exigindo das escolas repensarem conceitos e experienciar diferentes tipos de abordagens para ensinar: “[...] gostaria de salientar a participação das próprias crianças - elas são capazes, de um modo autônomo, de extrair significado de suas experiências cotidianas e dos atos mentais que envolvem o planejamento, a coordenação de ideias e as abstrações” (MALAGUZZI, 1999, p. 91).

Outro diferencial é a participação efetiva dos pais e da comunidade trabalhando em conjunto com os professores, pais e comunidade. Foi desta forma que Malaguzzi idealizou as escolas desta cidade, um lugar em que todos se envolvem no processo de construção do conhecimento destas crianças (SPAGGIARI, 1999).

Assim:

[...] uma espécie diferente de escola, uma que pudesse educar suas crianças de outro modo, [...] se as crianças possuíam direitos legítimos, então elas também deveriam ter oportunidades de desenvolver sua inteligência [...] (EDWARDS et al., 1999, p. 67).

Para Malaguzzi, o desejo de reconhecer o direito que cada criança tem em relação a sua própria infância e sobre o protagonismo, mantendo a curiosidade e a criatividade tão peculiar desta fase, fez a população: “decidir e preservar a decisão de aprender com as crianças, com suas famílias” (MALAGUZZI, 1999, p. 62).

O docente é um dos protagonistas do ensino e aprendizagem, pois, ao escutar e se preocupar com o que as crianças pensam e sentem, permite encaixar nesse contexto o desenvolvimento da criatividade, da curiosidade, das dúvidas e questionamentos que elas trazem em relação ao mundo que as cerca (MALAGUZZI, 1999).

Assim, houve uma mudança tanto em relação aos papéis quanto aos ambientes, onde tanto o currículo quanto as formações docentes passaram a se empenhar para a melhoria da aprendizagem integral dessas crianças (NEVES, 2015).

As crianças constroem a própria cultura com relação a dos adultos. Elas vivenciam e experienciam diferentes maneiras de ser criança, envolvendo-se em uma pluralidade cultural, social, política e econômica, entre outras questões quando estão na escola (SALOMÃO e MARTINI, 2007).

O projeto pedagógico escolar de Reggio Emilia trouxe visibilidade à voz das crianças quanto ao seu desenvolvimento, enfatizando principalmente o protagonismo infantil, acompanhado pelas famílias e profissionais da Educação, envolvido nos processos construídos por essas crianças (SPAGGIARI, 1999).

Ou seja, a concepção de Malaguzzi em consonância com os moradores da cidade, encontra-se no pressuposto de que a criança nasce com “cem linguagens”, onde estas deverão ser escutadas e reconhecidas em suas múltiplas potencialidades e especificidades, priorizando a autonomia e o desenvolvimento das crianças.

As escolas foram criadas ainda, pensando em uma espécie de “laboratórios do fazer”, espaço pedagogicamente organizado por intermédio de linguagens gráficas e pictóricas, de manipulação de modelos e maquetes, de linguagens do corpo como o movimento, as brincadeiras, a comunicação verbal e não verbal:

Podemos fazer anotações rápidas que posteriormente reescrevemos de maneira extensa, gravar em fitas cassetes as vozes e palavras das crianças ao interagirem entre si ou conosco. Também podemos tirar fotografias ou slides, ou até mesmo gravar fitas de vídeo que mostrem as crianças os professores em atividades (GANDINI e EDWARDS, 2002,



p. 150).

O docente deve oportunizar descobertas por meio da conversa, da ação conjunta e da construção do conhecimento pela criança. Ainda, a escola deve ser um ambiente em que as crianças possam se sentir em casa. A proposta pedagógica deve repensar no que é fundamental para que os educandos se tornem protagonistas da sua própria aprendizagem. Os adultos precisam ter em mente que devem estar atentos ao desenvolvimento das crianças, criando e fortalecendo vínculos entre escola e família:

Essa escola exige o pensamento e o planejamento cuidadoso com relação aos procedimentos, às motivações e aos interesses. Ela deve incorporar meios de intensificar os relacionamentos entre os três protagonistas centrais, de garantir completa atenção aos problemas da educação e de ativar a participação e pesquisas. Estas são as ferramentas mais efetivas para que todos os envolvidos – crianças, professores e pais – tornem-se mais unidos e conscientes das contribuições uns aos outros (MALAGUZZI, 1999, p. 75).

É preciso repensar nas possíveis estratégias de ensino que possam vir a favorecer o protagonismo infantil, desenvolvendo a criança com base nas diferentes habilidades e valorizando a criatividade: “o registro é uma maneira constante de o professor refletir sobre a sua prática e encaminhar estratégias para alcançar novos objetivos e ter autoria sobre suas ideias, refletir e produzir para si mesmo condições de fazer o seu percurso investigativo” (HORN e SILVA, 2011, p. 139).

A atenção que se dá ao que as crianças trazem e sua percepção como protagonistas do próprio conhecimento contribui para que o docente consiga problematizar as questões trazidas pelas crianças possibilitando um maior engajamento e envolvimento delas na resolução de problemas.

Quanto mais criteriosa for a atuação do docente em suas ações pedagógicas, e mais responsável sentir-se em relação aos educandos, terá a necessidade de encontrar meios que possibilitem o desenvolvimento pleno, sem a necessidade de se submeter simplesmente à vontade dos outros, pois, o sujeito se constitui na interação.

Porém, a realidade em que vivem e as escolas que frequentam na maior parte das vezes, não possibilita a elas um desenvolvimento autônomo e questionador. Isso é ainda mais marcante no que diz respeito às crianças que vivem nas periferias das grandes cidades ou distantes dos grandes centros. São submetidas mesmo que no ambiente escolar a uma situação de submissão e consumo, reproduzindo o modelo imposto pelos adultos, totalmente desprovido de liberdade e de opções. Isolados, copiando e reproduzindo sem questionamento, têm cerceados seus direitos, ainda antes da adolescência, pressionados pelos adultos que cobrando-lhes responsabilidades inexistentes para sua faixa etária:

[...]a configuração didática para Educação Infantil se sustenta nas relações, nas interações e as práticas educativas intencionalmente voltadas para as experiências cotidianas, os interesses da criança e seus processos de aprendizagem no espaço coletivo, diferente de uma intencionalidade pedagógica voltada para resultados individualizados nas diferentes áreas do conhecimento presa a conteúdos preestabelecidos (RAMOS, 2014, p.237).

O ensino é sempre uma atividade social de interação entre docentes e educandos. Neste sentido, estudar deve compreender a participação, mas, muitas vezes o educando não participa do processo social a que o conhecimento, o valor, o costume a serem aprendidos se referem e em cujo contexto tem o seu verdadeiro sentido.

Não adianta um processo educacional que condicione a criança à servidão, que não lhe reconheça como indivíduo, que não a prepare para a vida em sociedade, principalmente sem garantir seus direitos. É preciso que isso ocorra para validar a existência do sujeito social.

## AS INFLUÊNCIAS DE REGGIO EMILIA

O compartilhamento de conhecimentos por meio de atividades interativas propostas na escola é fundamental para o desenvolvimento dos educandos. Isso por que possibilita o diálogo entre teoria e vivência, normas e costumes, o indivíduo e o coletivo, para que aprendam a se posicionarem diante do mundo.

Para dar sentido ao que se aprende é necessário que se vivencie, mesmo que parcialmente, discutindo conteúdo do mundo real da criança de modo contextualizado, o que pode ser estruturado por meio de rodas de conversas onde todos possam, de acordo com sua vontade, participar e interagir (SALOMÃO e MARTINI, 2007).

Os conhecimentos serão significativos para o educando à medida que se envolvam fatos concretos do mundo a sua volta e valores que se transformarão em atitudes, à medida que os objetos a serem valorizados estejam presentes durante o processo educativo (TIRIBA, 2008).

O docente deve sempre manter o caráter emancipador ao propor e promover conhecimentos, e, para tanto, deve buscar sempre alternativas que possibilitem o desenvolvimento dos educandos e conseqüentemente da sociedade. Dentre as muitas alternativas existentes está a roda de conversa, que corrobora a legislação quando se propõe a ajudar no desenvolvimento, físico, emocional, racional e autônomo das crianças em salas de aula (LIB NEO, 2003).

Quando a comunicação tem por conteúdo sentenças muito abstrata, abstrato será também o conhecimento adquirido pelo educando, não permitindo o seu desenvolvimento pleno. Para que a escola cumpra seu papel, é preciso a presença de docentes ousados que dinamizem suas práticas, que permitam, entendam e explorem a necessidade das crianças de se auto afirmarem.

A escola é um ambiente multicultural de convívio social dinâmico, com sujeitos e personalidades diversas, e realidades diferentes, o que por si só justificam a necessidade de conversação. A realidade vivida por essas crianças diferencia-se do mundo dos livros didáticos.

A dinâmica expressa justamente uma fase de constante aprendizado e experimentação, o que talvez explique a dificuldade que têm em ficar paradas, numa sala fechada, apenas seguindo ordens.

A roda de conversa como um fórum de livre manifestação, pode trazer essa agitação do mundo infantil para a realidade da sala de aula, promovendo uma espécie de contrato comportamental, estabelecendo regras de convivência social que lhes proporcionará autonomia, promoverá o diálogo e a troca de experiências:





Portanto, cada criança deve se sentir desafiada a participar do processo, a emitir suas opiniões, a se pronunciar sobre a sua forma de ver o mundo. Falando e escutando o que o outro fala, as crianças vão experimentando a construção coletiva dos encaminhamentos necessários à resolução dos conflitos que surgem no interior do grupo. (ANGELO, 2011, p.60).

Atualmente, questões voltadas para a Educação Infantil tem sido alvo de discussões, pois, dentro dessa perspectiva a abordagem utilizada para desenvolver as crianças é o que fará total diferença no seu desenvolvimento futuro:

A infância tem sofrido um processo idêntico de ocultação. Esse processo decorre das concepções historicamente construídas sobre as crianças e dos modos como elas foram inscritas em imagens sociais que tanto esclarecem sobre seus produtores [...], quanto ocultam a realidade dos mundos sociais e culturais da criança, na complexidade da sua existência social (SARMENTO, 2007, p. 25).

Como exemplo, a revista norte-americana Newsweek, no ano de 1991, considerou a Escola Infantil Municipal Diana como sendo a melhor instituição para educar crianças de todo o mundo, demonstrando que a pedagogia reggiana veio para ficar e conseguiu criar bases sólidas voltadas para os princípios pensados para tal.

De acordo com Spaggiari (1999), a metodologia dessas escolas baseia-se no respeito, na responsabilidade e na participação dos munícipes, integrando comunidade e escola, princípio conhecido no Brasil como Gestão Democrática. Para as crianças, exploração, criatividade e descoberta ocorrem em um mundo seguro e enriquecedor.

Ainda segundo o autor, a representação simbólica se faz presente no desenvolvimento de atividades diversificadas, sendo os espaços organizados em ambientes lúdicos e educativos havendo momentos de atividades que permitam às crianças explorarem suas linguagens na arte, pintura, música, pesquisas, etc., colocando a criança sempre como protagonista da sua aprendizagem proporcionando maior controle sobre a aprendizagem e permitindo a descoberta de novas linguagens. As escolas neste caso não possuem um currículo formalizado. Todo ano durante o planejamento são definidos projetos de curto e longo prazo a fim de que os docentes estabeleçam metas estratégicas e repensem seus trabalhos, havendo a flexibilidade de modificarem suas escolhas conforme a necessidade, incorporando inclusive a opinião das próprias crianças.

Um aspecto importante envolve a organização dos espaços, pois, enriquecem a abordagem educacional, além de oferecer e promover oportunidades para as crianças explorarem seu potencial de aprendizagem social, afetiva e cognitiva (SPAGGIARI, 1999).

Ainda, o pensamento lógico e científico compreende que a criança aprende com o corpo todo se apropriando de diferentes competências e habilidades. Além desse conjunto, a presença dos pais, responsáveis e comunidade é essencial na construção da educação dos mesmos (CARVALHO e RUBIANO, 2007).

Ou seja, ao invés de uma metodologia que apenas transmite conhecimentos, princípio da Escola Tradicional na qual o professor é o detentor do conhecimento e apenas o transmite ao educando, a metodologia de Reggio Emilia traz a criança como principal protagonista do processo, dentro de uma metodologia participativa no processo educacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto aos princípios de Reggio Emilia, a pedagogia de Malaguzzi é centrada na concepção de que a família e a comunidade deve ser participativa em todos os processos da escola.

Os pais e responsáveis também fazem parte dela; os eventos que ocorrem na escola geralmente são organizados pelas famílias, pelos docentes e educandos existindo uma integração e coletividade por parte de todos os envolvidos funcionando como uma extensão da própria casa e possui um forte papel sociocultural dentro da comunidade. Ainda, o lúdico garante um desenvolvimento saudável e harmonioso na infância.

No caso da comunicação da criança ao se expressar ela costuma a trazer sua realidade ao discurso mesmo que não intencionalmente. No entanto, para que isso aconteça é necessário que ela se sinta confiante, respeitada e pertencente a seu grupo.

Constata-se ainda que a linguagem é justamente uma troca e a compreensão dos diversos significados das diferentes situações e do mundo, seja por meio de gestos, olhares ou palavras. A aquisição da linguagem, mais precisamente, da fala e do discurso, permite a ampliação das relações sociais entre os indivíduos, visto que amplia o seu universo simbólico, possibilitando novas e diferentes formas de interação com o meio.

Com relação a ludicidade, ao brincar a criança desenvolve a independência, estimula a sensibilidade visual e auditiva, valoriza a cultura popular, desenvolve habilidades motoras, exercita a imaginação, a criatividade, melhora a competência emocional, integra-se e reduz a agressividade, promovendo um desenvolvimento mais saudável.

Os docentes da Educação Infantil devem estar cientes da importância desse tipo de atividade e metodologia que envolve a ludicidade proporcionando aprendizado e diversão ao mesmo tempo, devendo ser desenvolvida com carinho e sensibilidade, pois, o lúdico e o desenvolvimento do protagonismo infantil são essenciais para a aprendizagem nesta fase educacional.

## REFERÊNCIAS

ANGELO, A. Espaço-tempo na educação infantil: a roda de conversa como dispositivo pedagógico. In: ROCHA, Eloisa Acires Candal; KRAMER, Sonia (orgs.). Educação infantil: enfoques em diálogo. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

CARVALHO, M.; RUBIANO, M.R.B. Organização do espaço em instituições pré-escolares. In: OLIVEIRA, Zilma M. R. de (org.). Educação infantil: muitos olhares. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.



EDWARDS, C. As Cem Linguagens da Criança: A abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância. In: EDWARDS, Carolyn, GANDINI, Lella; Forman, George. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, p. 320, 1999.

GANDINI, L.; EDWARDS, C. Bambini: a abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.

HORN, C.I.; SILVA, J.S. da. Experiência e documentação: é possível articular estes conceitos? Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 136-145, jul./dez. 2011.

KEFTA, S. Metodologia de Ensino e Educação Infantil: Algumas Considerações Sobre a Trajetória da Escola Infantil no Brasil. 2011

LIB NEO, J.C. Adeus professor, adeus professor? novas exigências educacionais e profissão docente. 7º ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MALAGUZZI, L. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999. p.59-104.

NEVES, J.L. Pesquisa Qualitativa- características, usos e possibilidades. Disponível em://<http://www.ed.fea.usp.br/C03-art06> . Acesso em: 20 jun. 2022.

RAMOS, T.K.G. Participação de crianças pequenas na organização de práticas cotidianas da educação infantil: direito as possibilidades. apud In. SANTTOS, Marlene de Oliveira; RIBEIRO, Maria Izabel Souza. (org.) Um livro para inspirar reflexões, mudanças e sonhos na educação infantil. Salvador, Editora Soffset, 2014.

SALOMÃO, H.A.S.; MARTINI, M. A importância do lúdico na Educação Infantil: enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado. 2007. Disponível em:< <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0358.pdf>> Acesso em: 18 jun. 2022.

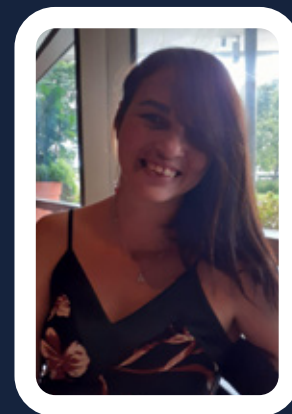
SARMENTO, M.J. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância (in) visível. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007. p.25- 49.

SPAGGIARI, S. A parceria comunidade-professor na administração das escolas. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999. p.105-112.

TIRIBA, L. Diálogos entre a arquitetura e a pedagogia: educação e vivência do espaço. Revista Virtual de Gestão de Inicativas Sociais. Junho, 2008.



# A ESCUTA SENSÍVEL DA POP ARTE E ROY LICHTENSTEIN PARA A EDUCAÇÃO



KELLY BORGES DA SILVA - Graduação em Jornalismo, pela Faculdade UNINOVE (2009); Graduação em Pedagogia pela Faculdade UNISANTANA (2011); Graduação em Artes, pela Faculdade UNIMES (2014). Especialista em Educação Especial, pela FATEC (2011); Especialista em Educação de Jovens e Adultos, pela Faculdade Campos Salles (2016); Professor de Educação Infantil na CEI Jardim Somara.

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo mostrar o movimento artístico da Pop Art que se desenvolveu por volta de 1950, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Além de revelar a biografia e aspectos formais e temáticos de duas obras Roy Lichtenstein (1923-1997). Em 1900 a marca da Arte nos leva a refletir sobre a ruptura com o passado e os meios de expressão, em que se percebia certa inquietação por parte das grandes agitações políticas concentradas na época. Espalhando-se pela Europa e depois pelos Estados Unidos, a cultura do Modernismo agregou uma ruptura brusca. Observou-se que Roy Lichtenstein (1923-1997) o idealizador da Pop Art Americana despertou na população acerca da esperança, por meio de seus quadros nostálgicos, e sua maneira de olhar com expressão. Em sua biografia percebe-se que Roy Lichtenstein frequentou escola secundária privada, na qual a arte não fazia parte do currículo, porém partiu interesse pela arte de livre vontade. Sua trajetória foi longa, mas chegou ao reconhecimento. Ao abordarmos aspectos formais e temáticos de duas de suas obras percebe-se que o artista utilizava pinturas, esculturas e murais, o que enriquecia suas obras. Palavras-chave: Artista; Movimento; Pop Art.

## INTRODUÇÃO

A Pop Art é um movimento artístico surgido no pós-guerra, entre as décadas de 1950 e 1960, com o propósito de romper com as concepções da época e trazer novos ares para a arte partindo da união do conceito de arte e vida sem separação; utilizou-se de elementos da vida comum para composição de suas obras. Dessa maneira, pode-se simplificar um pouco a questão quando se pensa que a Pop Art pode ser considerada como uma ligação espontânea entre a arte e a vida comum.

Dessa maneira, compreende-se que o primeiro passo dessa proposta, deve contemplar a compreensão sobre o que realmente a Pop Art trata, e quais são suas influências principais nos dias atuais. Tais observações poderão ser realizadas ao conhecer algumas das obras mais representativas desse movimento e de modo especial às obras de Roy Lichtenstein (1923-1997).

Trabalhar a Pop Art nas escolas pode ser um desafio ao educador despreparado, pois, as fontes de pesquisa sobre o tema devem primar pela idoneidade de seus conteúdos; além disso, perceber as minúcias artísticas do movimento não o confundindo com outros anteriores e posteriores, também se torna fundamental, uma vez que, muitas das produções da atualidade trazem reminiscências da Pop Art das décadas de 1950 e 1960, mas, não são de fácil identificação, pois são frutos de outros movimentos. Daí a importância do embasamento teórico e prático apresentado no presente projeto.

A priori, partindo dessas concepções este trabalho pretende demonstrar a relevância da Pop Art para as expressões artísticas atuais, além de perceber que sua contribuição para o trabalho em sala de aula, é uma alternativa para a sensibilização dos alunos quanto às temáticas que envolvem a arte e suas particularidades de construção, trabalhando concomitantemente às construções de saberes dos educandos com os movimentos históricos envolvidos nas mudanças de comportamento das pessoas, tal como, a influência que tais transformações históricas possam ter causado nas expressões artísticas o que possibilitará um olhar crítico e reflexivo. Durante o movimento Pop Art muitos artistas se destacaram de maneira singular e tornaram-se estimados por seus trabalhos, tendo que suas obras como sinônimas de seus novos ideais de arte, permitindo ver nas coisas simples do cotidiano uma forma livre de fazer arte.

Uma definição precisa e abrangente sobre o movimento se faz necessário para organizar as reflexões sobre a arte e diversas manifestações. Assim sendo, dever-se-á responder à questão de “como identificar e reconhecer o movimento Pop Art e suas tendências nos dias atuais tomando por base os trabalhos de Roy Lichtenstein (1923-1997) e suas possibilidades de trabalho em sala de aula?”

Questões, tais como: Como e em que lugar surgiu a Pop Art? Quais os objetivos de uma arte tão expressiva e tão inovadora? Quanto aos representantes mais importantes, quais foram? O que pensavam? Como escolher um representante dessa manifestação para, a partir dele e de suas obras, tornar possível levar para a sala de aula essa expressão artística para instigar percepções críticas e reflexivas nos educandos, tendo como finalidade de estudos acerca das ques-



tões que regem o movimento artístico da Pop Art, este estudo pretende embrenhar-se nesse campo para sanar diversas dúvidas pertinentes ao desenrolar desse movimento. Norteando a construção deste texto.

A partir dessa pesquisa será elaborado um PROJETO CURSO para alunos do ensino Médio. Cujos objetivos devem contemplar o movimento da Pop Art, assim como, demonstrar algumas obras surgidas desse movimento e sua relação com o momento histórico vivenciado pela época. Rupturas e novas ideias surgiram para emergir novas criações e concepções artísticas. Destacam-se, então, os seguintes objetivos centrais: Identificar e reconhecer o movimento artístico, surgido no pós-guerra, a Pop Art bem como, também as suas tendências nos dias atuais, identificando as possíveis dificuldades de relacioná-las com o trabalho em sala de aula. Assim, a partir desse objetivo central, têm-se os seguintes Objetivos Específicos: Identificar o surgimento do Pop Art no século XX, e definir sua conceituação; reconhecer os principais ícones que trabalharam na perspectiva da Pop Art; conhecer a contribuição de Roy Lichtenstein para o desenvolvimento do movimento; destacar a produção artística e apresentar dados biográficos de Roy Lichtenstein. Identificar os aspectos formais e temáticos de duas de suas obras, reconhecendo a necessidade do movimento artístico para a concepção atual de arte.

A metodologia utilizada na realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura em Artes Visuais é a pesquisa bibliográfica. Ter-se-á, a apresentação dessa proposta, a subdivisão em capítulos.

## A MODERNIDADE E A ARTE POP

Em meados do século XX ocorreram várias transformações que contribuíram para o desenvolvimento científico e tecnológico. Contudo, desencadeou alguns conflitos sociais e políticos.

Com o crescimento da indústria os lares americanos foram tomados por objetos de consumo em grande proporção, que de certa forma influenciou na vida cotidiana das pessoas. Esse crescimento da indústria tinha por nome “-Era da máquinas-”.

Os ingleses e os americanos descontentes com a maneira que a arte e arquitetura eram apresentadas ao público resolveram fazer um renovo no meio artístico, fugindo totalmente do contexto original no qual os artistas da época expunham suas obras. O descontentamento crescente fez com que artistas plásticos e arquitetos rompessem com o passado inovando sua arte, buscando novos meios de expressão. Andy Warhol outro representante do movimento é conhecido por muitas versões coloridas de Marilyn Monroe feita em 1967. Nos dias de hoje ainda podemos ver inúmeros artistas usando o estilo Pop Art para fazer quadros, esculturas e outras instalações. A Pop Art era uma crítica a massificação e ao modo capitalista de consumo.

A Pop Art veio promover uma dicotomia entre o que era aclamado pelo meio industrial e o que era desprezado. O seu surgimento deu-se em um momento de conflito na Europa, precisamente na Inglaterra, em plena Segunda Guerra Mundial. Momento este, em que várias divergências ocorriam entre os artistas da época por conta do movimento Pop Art. Porém o que parecia ser comum começou a ser objeto de arte, com cores fortes e contagiantes, chamando a atenção do público que aos poucos foram se acostumando ao verem fotos de artistas, sopas, carros, desenhos animados com estilo e jeito exuberante de ser mostrado. Mesmo assim era natural a rejeição de alguns artistas tradicionalistas, negando a eficácia das obras de Roy Lichtenstein (1923-1997) e Andy Warhol (1928-1987), entre outros.

Por muito tempo o mundo da arte foi pensado de maneira singular tendo como fruto a criatividade única do artista. As obras de artes que antes eram tão estilizadas foram se tornando acessível à massa popular. O que era restrito passou a ser comum a muitos. Como consequência desencadeou em várias discussões entre artistas, arquitetos, críticos e estudiosos no assunto, sobre o lugar que a arte deveria ocupar.

Roy Lichtenstein um dos percussores da Pop Art procurou recriar os gibis de sua infância e adolescência. “-Whaam! -” é um quadro formado por duas ou mais partes ligadas por uma dobradiça formando uma sequência, uma história. Narra forças do bem e do mal, o anjo vingador e inimigo destruído. Lichtenstein utiliza as linguagens urbanas em suas histórias em quadrinhos.

## O CENÁRIO DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA NO MOVIMENTO POP ART PARA A EDUCAÇÃO

Na Inglaterra e nos Estados Unidos, por volta de 1950 deu-se o surgimento da Pop Art, contrapondo-se ao expressionismo. O objetivo com a Pop Art era de criticar a massificação e o mundo do consumismo. O que parecia não ter valor como latas de refrigerante, embalagens de alimentos, história em quadrinhos, entre outros, começaram a ser utilizados nas produções artísticas. As cores vibrantes predominavam na Pop Art, podendo alterar os objetos.

O artista Andy Warhol (1928-1987) é um dos pintores mais representativos da Pop Art pelos objetos de consumo, resgatando a cultura popular e também pelas imagens da Marilyn Monroe. Sendo assim Andy Warhol:

Acabou se tornando, como desejava, tão conhecido como a embalagem da sopa Campbell, e, finalmente, em 1964 [...]. Ao contrário da maior parte do mundo da arte, o marchand não via problema no fato de um artista da vanguarda ser uma estrela da mídia. (BUENO, 1999, p.233).

Roy Lichtenstein (1923-1997) um dos percussores da Pop Art utilizava de histórias em quadrinhos para criticar as culturas de massa.

Em 1962, Lichtenstein tinha se afirmado como líder no mercado americano das artes. No ano anterior, não tinha descoberto um estilo de pintura que servia o seu subjacente e ainda irreverente sentido de humor, como tinha sido aceito pela prestigiosa Galeria de Leo Castelli, em Nova Iorque. (HENDRICKSON, 2001, p.7).

Assim como Andy Warhol e Roy Lichtenstein outros artistas também se destacaram fazendo parte do movimento Pop Art, contribuindo de maneira significativa, como Robert Rauschenberg (1925-2008) e Jasper Jones (1930- ). O movimento Pop Art se destacou entre os americanos por conta de suas criatividades e qualidade na utilização de técnicas e materiais. De acordo com Bueno (1999, p. 193) “A Pop Art do pós-guerra, nascida na Inglaterra, despontava como uma invenção americana. Na verdade, ocorria, juntamente com a segmentação, um aprofundamento da globalização das





linguagens artísticas”. Neste período estavam ocorrendo mudanças, ou seja, várias transformações no mundo das artes, mudanças essas, que priorizavam um novo modo de se olhar para arte, de maneira a valorizar as diferentes culturas.

Nos Estados Unidos, a Pop Art teve mais repercussão. Os artistas inspiravam-se nos objetos e mitos da sociedade de massa e mantinham com eles uma relação dual: se de um lado sua incorporação à grande arte traduz certa adoração, de outro lado por meio deles, multiplicam-se lampejos irônicos sobre a perda do sujeito com a relação humana na contemplação humana artística. Sua compreensão aparentemente fácil é perturbadora porque revela a opressão que exercem sobre a sociedade. Ao mesmo tempo, é possível captar seu inesperado atrativo. (NAME, 2008, p. 287).

As produções artísticas do movimento Pop Art nos Estados Unidos foram se consolidando, podendo assim repercutir internacionalmente pelo mundo por meio da Pop Art.

A explosão da Pop Art no mercado de vendas públicas consolidou a arte contemporânea como valor econômico. Seus artistas passaram de jovens promissores a figuras consagradas, dividindo espaço com grandes nomes do modernismo. (BUENO, 1999, p.220).

No Brasil sua repercussão originou-se por volta de 1960, com o objetivo de criticar a ditadura militar, tendo característica própria. Porém nem se comparava aos americanos. Os brasileiros produziam sua Pop Art com vários materiais que poderiam ser aproveitados. Mesmo diante das dificuldades para produzirem suas artes, não lhes faltava qualidade e criatividade. Contudo a Pop Art no Brasil conquistou o seu público. Destacaram-se neste movimento artístico Claudio Tozzi (1944-), Marcelo Nitzsche (1942-), Rubens Gerchman (1942-2008), José Roberto Aguilar (1941-).

Em meados da década de 50 se destacaram entre os ingleses vários artistas representando a Pop Art.

A Pop Art repercutiu nos Estados Unidos com grande precisão, tendo sua expressão mais forte. Pode-se dizer que a Pop Art veio quebrar com os paradigmas, ou seja, romper com a maneira tradicional de se olhar a arte. Permitindo a todas as camadas da população sem exceção, o conhecimento do movimento Pop Art.

A Pop Art não é motivada pelo desespero animosidade contra a civilização atual; considera a cultura comercial sua matéria-prima, uma fonte inesgotável de material pictórico, mais do que um mal a ser combatido. (JANSON e JANSON, 1996, p.395).

Com o movimento Pop Art foram aparecendo diferentes maneiras de expressar a arte, levando a várias indagações e reflexões. Em priori, a Pop Art revolucionou a arte na década de 1950 a partir de obras ousadas, trazendo a reflexão, o consumo da sociedade vigente da época, utilizando de simples objetos do cotidiano das pessoas.

## ROY LICHTENSTEIN BIOGRAFIA DE ROY LICHTENSTEIN

Neste capítulo serão abordados aspectos imprescindíveis sobre a vida de Roy Lichtenstein (1923-1997) um dos percussores da Pop Art. “Em 1962, Roy Lichtenstein tinha perto de quarenta anos e atrás de si, apenas uma carreira de sucesso médio, nada de muito espetacular.” (HENDRICKSON, 2001, p.7-8).

O artista nasceu em 27 de outubro de 1923 em Nova Iorque, Estados Unidos. De família de classe média, seu pai corretor de imóveis, frequentou escola secundária privada, na qual a arte não fazia parte do currículo escolar. Apesar de não fazer parte da grade, o interesse pela arte surgiu por livre vontade, desenhando e pintando sozinho. Segundo Hendrickson (2001), Lichtenstein tinha grande apreciação por Jazz e chegou a pintar alguns músicos tocando. As obras de Pablo Picasso eram como fonte de inspiração, admirada por Lichtenstein.

Por volta de 1939, no verão o artista começou a frequentar aulas de arte desenhando a vida cotidiana dos Nova-Iorquinos. Em 1940 termina seu curso superior, com o objetivo de se tornar um artista, sendo apoiado por seus pais em sua decisão. Assim Lichtenstein da sequência aos seus estudos na escola “School of Fine Arts” em Ohio “State University”. Embora esta escolha possa hoje parecer estranha, certo é que Nova Iorque, naquela época, a metrópole da arte que viria a ser após a guerra e, além disso, Lichtenstein não se sentia atraído por ficar “em casa” na Art Students League onde era posta grande ênfase na pintura regional. (HENDRICKSON, 2001, p.9).

Na Universidade de Ohio, Roy Lichtenstein teve professores que exerceu influência em sua carreira de maneira significativa. Como a enxergar a captação da imagem de outra maneira. “A arte trata da percepção organizada. Com ele aprendi a ver com olhos de ver”. (HENDRICKSON, 2001, p.94).

Lichtenstein casou-se em 1949, mesmo ano em que se forma na Universidade de Ohio, sendo em seguida contratado como orientador em arte. Da união com Isabel nasceram dois filhos David Hoyt Lichtenstein e Mitchell Wilson Lichtenstein.

Em 1951, faz sua exposição individual em Nova Iorque. Que por sinal não obteve êxito com sua apresentação. No mesmo ano começou a trabalhar como gráfico, projetista, decorador de montras e desenhista em folhas metálica. Com a publicidade e o surgimento de novas técnicas, contribuirá de maneira significativa no futuro Roy Lichtenstein. Lichtenstein dedicou suas pinturas em temas americanos explorando o expressionismo abstrato, resultando em uma exposição em Nova Iorque.

O expressionismo abstrato foi um pano de fundo para os novos desenvolvimentos que já tinham começado em 1957, exatamente quando Lichtenstein, um convertido com atraso, apanhou o estilo. Aparentemente, Lichtenstein estava a tentar ligar-se à corrente dominante do mercado da arte. (HENDRICKSON, 2001, p.16-17).

Em 1960 torna-se professor assistente em Nova Jersey. As obras de Lichtenstein acabam tendo característica própria. O interesse pelas histórias em quadrinhos surgiu a partir da pintura do Mickey, Pato Donald, entre outros. Com suas obras o artista queria trazer a reflexão sobre a linguagem e as formas artísticas, as imagens eram usadas de maneira irônica, valorizando os quadrinhos na Arte em si, porém questionando a condição de produto de massa. “[...] as primeiras pinturas de Lichtenstein, tendo por tema a banda desenhada, nunca foram mostradas em público e foram todas destruídas



ou pintadas por cima”. (HENDRICKSON, 2001, p.17).

Infelizmente o mundo perdeu um artista que marcou com grande altivez o movimento Pop Art. Roy Lichtenstein, faleceu em 29 de setembro de 1997 em Nova Iorque, nos Estados Unidos com pneumonia. Em suma o movimento Pop Art trouxe um novo olhar para arte. A partir de simples objetos do cotidiano das pessoas, levou a reflexão sobre o consumo da cultura de massa. Sendo assim, serão destacadas duas obras em seus aspectos formais e temáticos que fez de Roy Lichtenstein um dos artistas conceituado no movimento Pop Art, sendo elas: *Whaam!* (1963) e *Girl With Ball* (1961). Mas vale salientar que suas inúmeras obras fizeram de Lichtenstein reconhecido no mundo da Pop Art pela maneira irreverente de expressar sua arte.

As explorações de Lichtenstein não o conduziram para fora do labirinto da modernidade, mas, durante as suas excursões, ele descobriu (e redescobriu) um grande território. Talvez o mais irritante na obra de Lichtenstein sejam as suas irritantes contradições e o humor subjacente. Ao explorar as nossas imagens visuais, deixa nos surpresos com o que a arte do século XX ainda pode ser. (HENDRICKSON, 2001, p.93).

## ASPECTOS FORMAIS E TEMÁTICOS DE DUAS OBRAS DE ROY LICHTENSTEIN

Todo trabalho a ser executado, exige planejamento e, assim acontece também na arte, independente da técnica abordada. Roy Lichtenstein (1923-1997) não foge à regra.

Roy Lichtenstein em sua próspera carreira produziu mais de duas mil obras, entre pinturas, esculturas e murais, sendo um dos pioneiros a utilizar a temática das histórias em quadrinhos no universo da arte. Por longo período ele produziu várias séries nesse estilo e sempre em grandes dimensões, mudando conceitos, já que na época os quadrinhos e a arte comercial eram tidos como uma arte menor, totalmente desconsiderada. Assim Lichtenstein trouxe essa técnica banal para um patamar mais elevado, tirando-a do simbolismo para exaltar o belo e o complexo, transformando-a assim no único objeto de sua atenção criativa.

Lichtenstein ao ser indagado sobre seus motivos em escolher uma temática provinda de material de aparência inestética e degradada, responde talvez por todos os artistas pop, pois disse que “os aceitava porque eles estavam aqui no mundo [...] Os quadrinhos e letreiros são temas interessantes. Na arte comercial podem-se encontrar coisas úteis, fortes e vitais.” (WILSON, 1975, p. 9-10).

Embora sua obra pareça simplista ao primeiro olhar, o observador atento e sensível confirma que há algo de mais profundo do que a superficialidade, pois em realidade ela vem acompanhada de invulgares sutilezas e sempre alicerçada num ideal conceitual perspicaz. Em cada obra, Lichtenstein se preocupou com os detalhes da construção, sendo tudo calculado, pensado e preconcebido dentro de um processo sistemático, cuidadoso, exigindo total perfeição especialmente no desenho de base.

Por isso, existe a importância de se fazer a correta leitura/análise da obra de arte por parte do público em geral, para não incorrer em... Simplesmente olhar é insuficiente, porque o que devemos buscar não é apenas uma forma, mas também e essencialmente um significado. Há grande diferença entre olhar e ver. E nas artes visuais atentar para isso é fundamental.



Fig.01: LICHTENSTEIN, Roy (1923-1997) *Whaam!* 1963 Acrílico e Óleo sobre duas telas (1,75m x 2,04m cada tela) Tate Modern, Londres, Reino Unido. Fonte: <https://arteatevoce.com/andy-warhol-o-grande-icone-da-pop-art/whaam-1963-by-roy-lichtenstein-1923-1997/>. Acesso em 15 abr. 2022

Dentre as tantas preciosidades da Pop Art, a tela *Whaam!* (1963) destaca-se por ser uma das mais importantes do movimento e das criações de Roy Lichtenstein. Sua referência foi retirada das páginas em quadrinhos da DC Comics, e cuidadosamente trabalhada com as devidas modificações, sendo para isso utilizado projetor, estudo da recomposição em desenho a lápis, ampliação em escala, transferência para a tela, escolha das cores, ou seja, Lichtenstein percorre todo o processo de planejamento da obra. *Whaam!* provoca impacto à primeira vista, tanto por sua grandiosa dimensão como pela imediata ação ali existente em sua composição figurativa, envolvendo o observador e direcionando seu olhar da direita para a esquerda em uma leitura intelectual seguindo a rota da aeronave de tons neutros tendo seu contorno e detalhes em preto e o sombreado feito com a impressão de pontos, os “Benday dots”, dos processos gráficos da época, criando uma textura tonal. As cores primárias, vermelho e amarelo que sobressaem do fundo azul se aquecem ainda mais na explosão do alvo inimigo em ondulantes chamas ardentes e, o texto inserido confirma o sucesso do piloto do bem, dando a perceber o equilíbrio cromático. A pintura plana e demarcada contém pinceladas precisas de brilhantes cores básicas, industriais e usuais da arte comercial. As linhas, retas, curvas e inclinadas, em perfeita perspectiva transpõe os fortes traços característicos dos quadrinhos na construção do movimento da cena com tal ousadia que sua temática de guerra ultrapassa o limite da tela, provocando questionamentos.

Em seus trabalhos Lichtenstein objetiva enfatizar o estilo americano de definição de imagens e comunicação visual.



Lichtenstein impedia-se a si próprio de usar sua arte para julgar a sociedade, embora tivesse suas opiniões. Ele reconheceu que a “alta” cultura não tinha o monopólio do refinamento e reavaliou o que era considerado arte. Era necessário um grande conhecimento de “alta” cultura para ser capaz de rejeitar inteligentemente e tendo em vista um fim. (HENDRICKSON, 2001, p.39).



Fig.02: LICHTENSTEIN, Roy (1923-1997) Girl with Ball 1961 Oleo sobre tela (153,7cm x 92,7 cm) Museum of Modern Art New York City. Fonte: <https://www.moma.org/collection/works/79665>. Acesso em 15. Abr. 2022

Um dos seus primeiros trabalhos no estilo Pop foi Girl With Ball (1961) é também baseado no banal, um simples recorte de anúncio do suplemento de domingo do jornal “-The New York Times-” com o qual surpreende pela trivialidade, ao criar a composição com poucas linhas e cores, na técnica da impressão gráfica da época e pela simplicidade do tema.

O processo técnico é o mesmo que o apresentado na obra Whaam! (1963) citada acima.

Segundo Hendrickson (2001, p.32) “Lichtenstein insistia que o aspecto formal da sua pintura era mais importante do que o que era em geral entendido. E ainda as suas composições eram analisadas, pelo menos, com tanto cuidado, quanto a escolha do conteúdo”. As cores básicas e fortes atraem o olhar primeiramente para o fundo em amarelo ouro, o qual ressalta a figura esguia e graciosa no primeiro plano, de uma jovem sorridente e descontraída a segurar uma bola. O traço seguro das sinuosas linhas desenha um corpo perfeito e sensual, símbolo do ideal de beleza. O movimento é captado instantaneamente pelo envolvente convite ao lazer.

O contraste entre as partes coloridas é evidente, especialmente pelas cores primárias puras em junção com o branco e o preto. Os pontos “Benday dots” são usados para realçar a pele. O tom em preto azulado do maiô se repete nas mechas onduladas do cabelo e nos contornos de todas as linhas do desenho, já o branco é visto tanto no detalhe do maiô, quanto na bola, nos dentes e no reflexo dos cabelos enquanto o vermelho está na bola, na língua e lábios de largo sorriso. Uma boa menina em um bom momento. Eis o ambiente de férias do sonho americano, cenário de muitos romances e aventuras. Mais um produto de consumo.

#### PROJETO DE CURSO APRESENTAÇÃO

Em conformidade com a Resolução Nº 2 de 30 de janeiro de 2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e do Parâmetro Curricular Nacional, atentando especialmente às aulas de artes para o ensino médio. Espera-se que o aluno neste nível de ensino fortaleça suas experiências sensíveis e inventivas, construtora de identidades artísticas.

Optou-se por uma proposta, embasada em estudos aprofundados sobre a Pop Art, mais precisamente em Roy Lichtenstein (1923-1997), visando trabalhar de maneira concisa em sala de aula, com estudantes do ensino médio as obras e seu contexto sócio/histórico, desenvolvidas pela dinâmica e evolução do artista acima citado.

Analisar a reação, a apreciação estética, a fruição e o estreitamento entre a Pop Art e os indivíduos em seu cotidiano, repercutindo desta ação, uma nova possibilidade estratégica de expressão e conhecimento. Tendo como norteador a abordagem triangular.

Considerando uma abordagem existencialista, que entende o ser humano como único e aberto para novas aprendizagens, os alunos serão motivados a fazerem descobertas em relação ao mundo que o cerca. O que implica na construção do conhecimento e na sua capacidade de aprendizagem, fazendo refletir sobre sua própria transformação. Assim sendo, esta abordagem propõe o desenvolvimento da percepção e da expressão no fazer artístico, resultando em uma aprendizagem significativa.

PROJETO DE CURSO  
CURSO: Artes Visuais  
NÍVEL DE ENSINO: Ensino Médio  
CARGA HORÁRIA: 8 horas



## EMENTA

Estudo da Pop Art como um dos principais movimentos de expressão popular que surgiu em 1950, no pós-Guerra. Exposição de um dos ícones da Pop Art descrevendo suas principais obras e suas especialidades. Desenvolvimento de situações em que permita o aluno conhecer e contextualizar as características desse movimento em seu tempo e espaço, relacionando aos tempos atuais. Esclarecendo as influências do Pop Art, como arte no cotidiano de pessoas comuns.

## OBJETIVOS

Proporcionar aos alunos o conhecimento de uma arte popular da qual fez história e deixou marcas que podem ser apreciadas pelas obras de artistas como Roy Lichtenstein (1923-1997). Propiciar situações de pesquisa, análise e discussão sobre as obras do artista. Despertar no aluno senso crítico que lhe permita perceber a arte em toda dimensão que o rodeia. Desenvolver novas leituras de mundo contribuindo para a motivação de produzir e o fazer artístico.

Ao final do projeto o aluno deverá ser capaz de:

Compreender a influência da arte em questão permitindo uma aproximação com as manifestações artísticas; Identificar a arte como recurso para seu desenvolvimento crítico percebendo as transformações no mundo por meio da Pop Art;

Diferenciar os conceitos dos diversos tipos de arte, percebendo o diferencial que a arte popular promove; Interpretar a arte de forma divergente, sendo capazes de apreciar uma obra em seus aspectos formais, interpretativos e descritivos;

## JUSTIFICATIVA

Faz-se necessário o desenvolvimento deste projeto por entender que a Pop Art, poderá levar os alunos, a um pensamento reflexivo, construindo novos conceitos. Fazendo com que os mesmos percebam e entendam como se deu o surgimento do movimento Pop Art e o seu contexto. Assim como se torna importante apresentar um dos percursores desse movimento Roy Lichtenstein (1923-1997), que trouxe a arte de forma diferenciada. Sendo assim esclarecer por meio dos recursos, quais foram suas características e de que maneira ocorreu o seu reconhecimento mundial. Entendendo que a arte insere o indivíduo no mundo de maneira quase lúdica, pois leva o ser humano a repensar os dilemas mundiais e individuais, por meio de uma visão e criação diferenciada de leitura; ousada e criativa. Estudando as obras Whaam! (1963), Girl With Ball (1961), que são marcas registradas do autor. Permitindo a ampliação do conhecimento dos alunos de forma expositiva e clara envolvendo-os a uma nova dimensão.

## METODOLOGIA

A metodologia desse projeto levará em conta os objetivos propostos, podendo ser utilizados ao longo da aplicação das aulas, as diferentes estratégias didáticas, sendo estas leituras básicas e complementares, leitura sobre obras sugeridas, pesquisas individuais ou em grupos, aulas expositivas, discussões e debates. Serão propostas situações de socialização do conhecimento adquirido com organização de materiais para aplicação das práticas didáticas e elaborações de atividades. No que se refere aos recursos, poderão ser utilizados: audiovisuais, retroprojektor, multimídia, livros, análise de imagens, materiais didáticos, entre outros.

## CONTEÚDOS

### FACTUAIS

### CONCEITUAIS

### PROCEDIMENTAIS

### ATITUDINAIS

Pop Art de Roy Liechtenstein e sua releitura com simbologia atual

Roy Liechtenstein (1923-1997)

Um artista americano, sendo este, um dos percurores da Pop Art, Roy Liechtenstein gráfico e escultor, conhecido pela maneira de expresar sua arte. Apresentava uma postura crítica diante da cultura de massa e o consumismo, por meio da banda desenhada.

Benday dots área de pontos que promove do antigo mecanismo que conseguia os tons e cores diferenciadas na imagem impressa de baixa qualidade dos jornais e quadrinhos.

As cores que predominavam nas obras de Lichtenstein eram azul marinho, amarelo, vermelho e branco, cores vibrantes e exuberantes que chamavam a atenção.

A linguagem do contorno negro era utilizada para chamar a atenção do observador. A utilização do negro era uma forma de criticar a publicidade. A banda desenhada era utilizada por toda classe social.

Serão abordadas diferentes técnicas como: colagem, sobreposição, cores primarias e os benday dots que propicia um efeito visual de mistura de cores.





O movimento Pop Art é caracterizado pela tecnologia, tecnocracia, a moda, pelo consumismo e pela massificação das pessoas.

## RECURSOS

Computador;  
Retroprojektor;  
Papeis;  
Tintas e pincéis;  
Slides;  
Vídeos;  
Canetas hidro cor;  
Colas e Borrachas  
Tesouras;  
Lápis e lápis de cor;

## ARTICULAÇÃO COM OUTRAS DISCIPLINAS OU ATIVIDADES

A articulação com outras disciplinas poderá ser feita por meio de um trabalho sistematizado e interdisciplinar com História, Língua Inglesa, Geografia, Matemática, Física e Língua Portuguesa, consolidando assim informações que serão trabalhadas dentro da temática da Pop Art.

História: Promover situações de aprendizagem que façam um resgate histórico sobre o surgimento da sociedade do consumo. Questionando os limites do fazer artístico e criticando a sociedade vigente, por meio das obras da Pop Art. Pesquisar a origem e finalização da 2ª Guerra Mundial;

Língua Portuguesa e Inglesa: Desenvolver habilidades de interpretação de texto, desvendando o que há nas entre linhas da mensagem visual;

Geografia: Pesquisar e localizar a origem do movimento Pop Art e sua fixação nos Estados Unidos.

Física: Estudar a luz e a composição das cores presentes nas obras Roy Lichtenstein, quanto da utilização dos bendays dots;

Matemática: A partir das obras estudadas será proposto calcularem as dimensões de cada obra.

## AVALIAÇÃO

O processo de avaliação dar-se-á mediante ao portfólio sendo este um instrumento primordial no processo de ensino/ aprendizagem. Atuara de maneira reflexiva durante todo o processo. Sendo assim a avaliação será processual e continua respeitado a individualidade e conhecimentos prévios de cada educando como suas competências e habilidades.

## CRONOGRAMA

### AULA

### CONTEÚDO

### COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

### PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

1

Breve estudo da história da Pop Art em seus aspectos gerais.

Investigação e compreensão

Compreender sobre a influência da Pop Art no mundo contemporâneo, fazendo uma reflexão. Utilizar livros para pesquisa bem como a utilização de slides para contextualizar o histórico.

2

Breve estudo dos principais artistas que influenciaram a Pop Art.

Investigação e compreensão

Conhecer e interpretar as propostas dos artistas do movimento Pop Art Computador, retroprojektor e aula expositiva.

3

Principais características do movimento Pop Art

Investigação e compreensão

Identificar as principais características do movimento da Pop Art. Computador, retroprojektor e aula expositiva.

4

Breve estudo do artista Roy Lichtenstein.

Investigação e compreensão

Identificar as características do artista em suas obras. Utilizar livros, imagens e multimídias.

5

Estudo da obra Whaam! (1963)

Investigação e compreensão

Identificar característica predominante da obra. Utilizar imagens por meio de slides, identificando os aspectos das obras, segundo a abordagem triangular.

6

Criação pessoal

Representação e comunicação.



Desenvolver criações por meio do fazer artístico. Sendo este radical, parcial ou livre imagem. Papel, lápis, lápis de cor, caneta hidro cor, guache, cola, entre outros.

7

Estudo da *Girl With Ball* (1961).

Representação e comunicação.

Identificar característica predominante da obra. Utilizar imagens por meio de slides, identificando os aspectos das obras, segundo a abordagem triangular.

8

Criação pessoal

Contextualização sociocultural.

Exposição das obras executadas pelos alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia evidenciou-se que o movimento Pop Art teve grande repercussão no início do século XX, nos trazendo a reflexão para um novo olhar para arte.

Este trabalho teve por objetivo desvelar e aprofundar conhecimento no movimento Pop Art que se deu na Inglaterra e nos Estados Unidos por volta de 1950. Movimento este, inspirado em criticar a cultura de massa e o consumismo. A Pop Art revelou a importância de coisas simples, as quais poderiam ser reutilizadas, inclusive como arte. Sendo assim a finalidade foi em identificar e reconhecer o movimento artístico, surgido no pós-guerra, a Pop Art bem como, também suas tendências nos dias atuais, identificando as possíveis dificuldades de relacioná-las com os trabalhos em sala de aula.

De acordo com os relatos dos autores percebe-se que o movimento Pop Art enfrentou algumas divergências, desencadeando em discussões entre artistas da época, arquitetos, críticos e estudiosos no assunto, sobre o lugar que a arte deveria ocupar. Por isso se faz necessário compreender o contexto do movimento Pop Art, conhecer alguns artistas em especial Roy Lichtenstein (1923-1997), que viu nas coisas simples do nosso dia-a-dia uma forma de fazer arte.

Em suma o movimento Pop Art fez perceber que há possibilidades de introduzir este contexto no âmbito escolar, visto que a Pop Art, utiliza coisas simples do nosso cotidiano e de fácil acesso. Partindo desses pressupostos, foi desenvolvido um PROJETO DE CURSO sobre a produção de Roy Lichtenstein (1923-1997) para o ensino médio.

Portanto esse trabalho contribuiu de maneira significativa para o nosso conhecimento, desvendando aspectos imprescindíveis sobre o movimento Pop Art como o cenário da produção artística no movimento Pop Art, biografia de Roy Lichtenstein e como também aspectos formais e temáticos de duas de suas obras *Whaam!* (1963) e a *Girl With Ball* (1961). Que serão de grande valia como arte-educadoras.

## REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. Tradução Denise Bottmann, Frederico Carotti; prefácio Rodrigo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BUENO, Maria Lucia. *Artes plásticas no século XX: modernidade e globalização*. Campinas - SP: Unicamp, 1999.

HENDRICKSON, Janis. *Lichtenstein*. Tradução Zita Morais. Taschen, 2001.

JANSON, H.W; JANSON, Antony F. *Iniciação à História da Arte*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LEONZINI, Nessler e PHILLIPS, Lisa. *Vida Animada*. Disponível em: [http://artepadilla.com.br/Roy/Texto\\_LP.asp](http://artepadilla.com.br/Roy/Texto_LP.asp). Acesso em: 27 de mar. de 2021.

MCCARTHY, David. *Arte Pop*. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2002.

NAME, Leonardo dos Passos Miranda; NAME, Daniela dos Passos Miranda. *Enciclopédia do Estudante: história da arte: artistas estilos obras-primas*. São Paulo: Moderna, v.19, 2008.

PAR METROS CURRICULARES NACIONAIS ENSINO MÉDIO. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso: 06 de abr. de 2021.

PROENÇA, Graça. *Descobrimos a História da Arte*. São Paulo: Ática, 2005.

PROENÇA, Graça. *História da Arte*. São Paulo: Ática, 2008.

REBOUÇAS, Fernando, *A Pop Art Brasileira*. Disponível em: <http://www.infoescola.com/artes/pop-art-brasileira>. Acesso em: 03 de abr. de 2021.

ROBERT RAUSCHENBERG. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$robert-rauschenberg](http://www.infopedia.pt/$robert-rauschenberg). Acesso: 09 de abr. de 2021.

ROY LICHTENSTEIN FOUNDATION. *Obras*. Disponível em: <http://www.lichtensteinfoundation.org>. Acesso em: 23 de mar. de 2021.

SOUZA, Rainer, *A Pop Art*. Disponível em: <http://www.brasilescola.com/artes/pop-art>. Acesso em: 23 de mar. de 2021.

STONARD, John-Paul. *You can kiss a Lichtenstein, but you can't kiss us*. Etc. *Essay: European Pop Art*. Tate, 2003. Disponível em: <http://www.tate.org.uk/context-comment/articles/you-can-kiss-lichtenstein-you-cant-kiss-us-0>. Acesso em: 02 de setembro de 2013.

STRICKLAND, Carol. *Arte Comentada: da Pré História ao Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

THE MUSEUM OF MODERN ART. *Obras*. Disponível em: <http://www.moma.org/visit/index>. Acesso em: 01 de abril de 2014.

UNIVERSIA BRASIL, *Conheça Whaam! de Roy Lichtenstein*. Disponível em: [www.universia.com.br](http://www.universia.com.br). Acesso em: 25 de março de 2014.

HENDRICKSON, Janis. *Lichtenstein*. Tradução Zita Morais. Taschen, 2001.

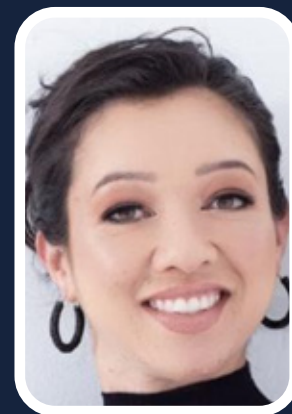
MCCARTHY, David. *Arte Pop*. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2002.

Disponível em: [www.lichtensteinfoundation.org](http://www.lichtensteinfoundation.org). Acesso em: 23 de mar. 2021.

WILSON, Simon. *A arte Pop*. Barcelona: Labor do Brasil, 1975.



# A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A CONSCIENTIZAÇÃO DAS CRIANÇAS EM MEIO A EDUCAÇÃO INFANTIL



RENATA DOS SANTOS IOKOIAMA RAMALHO - Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário de Araras Dr Edmundo Ulson (2009); Professora de Educação Infantil - na EMEI Francisca Julia da Silva.

## RESUMO

O presente artigo teve por objetivo discutir o desenvolvimento da Educação Ambiental na etapa da Educação Infantil, utilizando-se de hortas pedagógicas nas escolas da Prefeitura Municipal de Ensino da Cidade de São Paulo uma vez que o desenvolvimento desse tipo de atividade está relacionado ao Programa Mais Educação e tem a intenção de desenvolver o potencial das crianças. O artigo se justifica pelo fato de que atualmente, a Educação tem observado diversas discussões e contribuições em relação ao desenvolvimento de projetos, bem como nas questões voltadas para o meio ambiente. Assim, trabalhar com hortas pedagógicas desenvolve nos educandos diferentes competências e habilidades, contribuindo para desenvolver o cuidado, gerando reflexões e criando o respeito para com o meio ambiente. A pesquisa caracterizou-se como qualitativa baseada em diferentes autores a respeito do tema. Os resultados indicaram que projetos como a Horta Pedagógica contribuem para a compreensão das relações existentes entre o ser humano e o meio ambiente principalmente no tocante às crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil; Horta Pedagógica; Educação Ambiental.

## INTRODUÇÃO

O solo, por exemplo, desempenha diferentes funções, entre elas a manutenção do equilíbrio ambiental e a qualidade dos ecossistemas. Podemos neste caso, citar a regulação, a distribuição, o armazenamento e a infiltração da água da chuva; a ciclagem de nutrientes; a ação filtrante sobre os poluentes e a proteção da qualidade da água; entre outros temas pertinentes, que podem e devem ser trabalhados nas escolas.

Por isso, é papel da escola trazer o estudo do meio ambiente com base científica, contribuindo para o aprendizado sobre os papéis do ser humano na natureza e a sua importância na vida da sociedade global, além da conscientização e da formação de cidadãos críticos desde a Educação Infantil.

Como problemática tem-se nos dias atuais, a poluição ambiental e dos ecossistemas, trazendo o solo como um dos recursos mais degradados devido a agropecuária, uso de fertilizantes e agrotóxicos, inviabilizando o seu uso muitas vezes a longo prazo.

É bem provável que isto esteja ocorrendo devido ao ser humano utilizar os recursos naturais sem discriminação alguma, poluindo e degradando o meio ambiente, sem pensar nas gerações futuras. A ganância do homem e a industrialização permitiu o surgimento dos problemas ambientais, como é o caso da poluição, gerando assim questões sociais preocupantes.

Assim, como objetivo geral tem-se a discussão sobre a Educação Ambiental sendo trabalhada desde a Educação Infantil. Como objetivo específico, discutir sobre as competências e habilidades que podem ser desenvolvidas junto aos educandos construindo atitudes e competências voltadas para a preservação do meio ambiente.

O presente trabalho, se justifica pelo fato de que a Educação pode atingir a todos, a fim de conscientizar as pessoas sobre a influência de suas ações na sociedade entre outras questões, promovendo a cidadania e possibilitando a participação dos educandos nos processos sociais, culturais e políticos no tocante ao meio ambiente, sendo de suma importância sua introdução na Educação Infantil.

A metodologia para o desenvolvimento desta pesquisa foi a qualitativa, realizando-se levantamento bibliográfico a respeito do tema, baseada na discussão em diversos autores.

## DIRECIONAMENTOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM AS CRIANÇAS

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura considera a Educação Ambiental como: "Educação ambiental é uma disciplina bem estabelecida que enfatiza a relação dos homens com o ambiente natural, as formas de conservá-lo, preservá-lo e de administrar seus recursos adequadamente" (UNESCO, 2005, p. 44).



A disciplina surgiu a partir da necessidade de complementar a educação formal. A educação precisava ultrapassar os muros da escola e os conteúdos específicos, disseminando valores, trazendo conhecimentos, desenvolvendo capacidades e outros aspectos que promovam o progresso das relações éticas entre os educandos, sobre os seres vivos, não vivos e a vida no planeta.

Em relação ao meio ambiente, a partir da industrialização e da ganância do homem em se desenvolver, surgindo problemas como é o caso da poluição ambiental, gerando questões sociais preocupantes.

Por isso, na área educacional é preciso discutir e trabalhar o tema a fim de conscientizar os educandos sobre a influência de suas ações na sociedade entre outras questões a Educação Ambiental promove a cidadania, possibilita a participação dos educandos nos processos sociais, culturais e políticos no tocante ao meio ambiente.

No Brasil, esse tipo de discussão começou na década de 1960, através das manifestações populares que começaram a ocorrer decorrente dos problemas ambientais causados pelo homem.

Porém, foi somente a partir da Constituição de 1988 que o Brasil trouxe um capítulo específico sobre o meio ambiente, considerando-o como bem comum e essencial para a qualidade de vida, impondo ao poder público e aos indivíduos preservá-lo para as gerações presentes e futuras (MEDEIROS, et al., 2011).

Os Ministérios do Ambiente, da Educação, da Cultura e da Ciência e Tecnologia, no ano de 1992, instituíram o Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA). O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), trouxe diretrizes para a implementação do programa PRONEA, inserindo a educação ambiental no processo de gestão ambiental (IBAMA, 1998).

No ano de 1997, o Ministério da Educação elaborou novo modelo de ensino a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), inserindo o meio ambiente como tema transversal no currículo da Educação Básica.

Assim:

A escola foi um dos primeiros espaços a absorver esse processo de “ambientalização” da sociedade, recebendo a sua cota de responsabilidade para melhorar a qualidade de vida da população, por meio de informação e conscientização. Para conscientizar um grupo, primeiro é preciso delimitar o que se quer e o que deseja (SEGURA, 2001, p. 21).

Gerou-se um movimento nas escolas para discutir sobre o meio ambiente, a fim de conscientizar os educandos sobre a importância da preservação da natureza, pois faz parte do mundo que o cerca e está presente em seu cotidiano. Por isso, o docente precisa desenvolver atividades ligadas a Geografia, inclusive de forma interdisciplinar com Ciências da Natureza, mesmo que na Educação Infantil, ligando os conteúdos a questões do cotidiano tornando assim a aprendizagem mais significativa.

Os projetos e as sequências didáticas, desenvolvendo práticas e vivências relacionadas aos fenômenos do cotidiano, discutindo sobre o tema pautado em conceitos científicos pertinentes. Através do trabalho investigativo, o educando passa a pensar sobre o processo de construção do seu conhecimento e dos acontecimentos a sua volta (FREIRE, 1987).

Quando se fala de trabalhos interdisciplinares, necessariamente nos remetemos à projetos. A pedagogia de projetos tem um longo histórico nas práticas escolares, tendo seu surgimento na Escola Nova. Esse movimento questionou de certa forma a escola tradicional, ao propor novos olhares para as práticas curriculares, a relação docente/discente, entre outros (FILHO, 2016).

A dinâmica utilizada durante a aplicação do projeto pode contribuir com bons resultados, permitindo que as crianças apliquem os conhecimentos adquiridos em seu próprio benefício. É necessário ainda, lembrar que o processo cognitivo ocorre a partir das interações entre os indivíduos e o objeto de conhecimento. Assim, é possível possibilitar a construção de conhecimentos, mediante a produção de conflitos cognitivos entre o que a criança possui de conhecimento e os problemas propostos.

Nesse sentido, os educandos precisam agir como atores sociais a fim de multiplicar essas informações para a comunidade e a sociedade em que vivem. Esse é um dos primeiros passos para a construção de um ensino articulado com os processos de mudança social e da formação de cidadãos mais conscientes consigo e com o mundo ao seu redor. Assim, a Educação Ambiental traz propostas pedagógicas que contemplam a conscientização e a mudança de comportamento, condições básicas que estimulam a integração e o respeito entre o ser humano e ambiente.

O trabalho com projetos é fundamental à medida que ocorre a interação do educando com os problemas ambientais, ele constrói novas percepções sobre as relações do homem e da sociedade com a natureza, reforçando a necessidade de agir como cidadão para a busca de soluções em relação aos problemas ambientais (JACOBI, 2003).

Ou seja, a Educação Ambiental deve se desenvolver a partir de atividades práticas que contemplam a conscientização, a mudança de comportamento e o desenvolvimento de competências:

...a educação ambiental na escola ou fora dela continuará a ser uma concepção radical de educação, não porque prefere ser a tendência rebelde do pensamento educacional contemporâneo, mas sim porque nossa época e nossa herança histórica e ecológica exigem alternativas radicais, justas e pacíficas (REIGOTA, 1998, p.43).

Os projetos são novas formas de ensinar, priorizando as interações entre a realidade, os educandos e suas múltiplas dimensões. Estes se apresentam como uma nova concepção de educação, onde deve-se levar em consideração os diferentes processos que ocorrem dentro e fora da escola.

Estes partem geralmente de um questionamento ou determinado problema:

O caminho do conhecimento implica busca e aprofundamento das relações tanto procedimentais como disciplinares, mas também do desenvolvimento da capacidade de proporem-se problemas, do aprender a usar fontes de informações contrapostas ou complementares, e saber perto do ponto de chegada constitui em si um ponto de partida (HERNÁNDEZ e VENTURA, 1998, p. 43).

A aplicação de projetos coloca o educando como pertencente ao mundo que o cerca. Trabalhar com projetos





possibilita ao educando aprender a buscar conhecimento, apropriar-se dele e aplicar os novos conhecimentos na sua vida (JACOBOSKI, 2010).

Assim:

Precisamos nos tornar ecologicamente alfabetizados. Isso significa entender os princípios de organização das 19 comunidades ecológicas (ecossistemas) e usar esses princípios para criar comunidades humanas sustentáveis (CAPRA, 1996, p. 231)

## O DESENVOLVIMENTO DE HORTAS PEDAGÓGICAS JUNTO AOS EDUCANDOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Analisando a Rede Municipal de Ensino da Cidade de São Paulo, em 2013, o Programa Mais Educação São Paulo foi inserido no currículo escolar por meio de uma reorganização curricular e administrativa, ampliação e fortalecimento da Rede.

A Secretaria Municipal de Educação (SME), passou a discutir sobre o assunto quando começou a notar que as escolas estavam deixando de lado o protagonismo estudantil. Na perspectiva do programa deve-se articular prática e currículo, voltando-se para a construção de atividades diferenciadas que levem a aprendizagem, possibilitando o acompanhamento do percurso do desenvolvimento dos educandos.

O trabalho com projetos desenvolve o olhar crítico e curioso dos educandos que participam da atividade. Assim, é preciso proporcionar experiências significativas, levando os educandos à um conhecimento mais elaborado (MEDEIROS, et al., 2011).

Como exemplo de trabalho voltado para a Educação Ambiental, tem-se a Horta Pedagógica, funcionando na verdade como um laboratório vivo, podendo-se acompanhar e observar as diferentes interações existentes entre os seres vivos e não vivos, as etapas de crescimento dos vegetais, assim como aprender técnicas sustentáveis, ciclos geofísicos, entre outras questões (JACOBOSKI, 2010).

O contato com a natureza, nesse caso, se torna uma experiência enriquecedora onde as atividades ligadas ao uso do solo como revolver a terra, plantar, regar e podar apresentam uma forma de aprendizado saudável e criativo o que é de suma importância durante a Educação Infantil.

O projeto de Horta Pedagógica, do Mais Educação de São Paulo visa a ampliação do tempo de permanência dos educandos na escola; a melhoria da socialização; o desenvolvimento do pensamento crítico e científico; e o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para a multiplicação de informações.

Este tipo de projeto envolve os educandos em interações socioambientais que permitem que eles se envolvam na construção de habilidades, atitudes e competências voltadas para a preservação do meio ambiente.

A participação dos educandos como atores sociais contribui para ampliar os conhecimentos da sociedade, construindo uma educação mais articulada com os processos de mudança social e construção de cidadãos conscientes quanto a um modo de vida sustentável (MEDEIROS, et al., 2011).

Durante as atividades é fundamental compreender as interações que os educandos desenvolvem perante os problemas ambientais, construindo uma nova percepção das relações que existem entre o homem, a sociedade e a natureza, agindo como cidadão na busca por soluções para os problemas ambientais que existem na sociedade.

Como já discutido anteriormente, a de Horta Pedagógica complementa o Decreto nº 56.913/15, que trata do Plano de Introdução de Alimentos Orgânicos no Programa de Alimentação Escolar do Município de São Paulo.

O Decreto traz normativas sobre a criação de hortas como ferramenta para a educação ambiental e alimentar, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades de manejo sustentável, de alfabetização científica e de socialização transformando a escola em um ambiente acolhedor e de inclusão (SÃO PAULO, 2015).

Por fim, a Portaria nº 6.720/2016 que trata da Comissão Especial com Integrantes de CODAE e COPED da implantação da Horta Pedagógica, considera a Lei Municipal nº 56.913/16 quanto a introdução de alimentos orgânicos de base agroecológica na alimentação das escolas. Assim, é de suma importância que o docente da Educação Infantil considere esse tema e trabalhe junto aos pequenos a alimentação saudável e o meio ambiente (SÃO PAULO, 2016).

## LEGISLAÇÃO PERTINENTE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A Constituição de 1988 trouxe um capítulo específico sobre o meio ambiente, considerando-o de interesse público e fundamental para a qualidade de vida, impôs ao poder público e aos indivíduos preservá-lo para o presente e o futuro das gerações (SOUZA et al., 2016).

Quanto a implementação de projetos nas escolas da Prefeitura do Município de São Paulo, tem-se como destaque a Portaria nº 5.360/2011, que reorganiza o Programa “Ampliar” instituído pelo Decreto nº 52.342/2011 trazendo em seu Artigo 3º: “O Programa “Ampliar” será constituído de atividades curriculares de caráter educacional envolvendo, com prioridade, atividades de recuperação de aprendizagem, bem como atividades de cunho social, esportivo ou cultural, articuladas ao Projeto Pedagógico da escola” (SÃO PAULO, 2011, s/p.).

Especificamente, para o projeto de Horta Pedagógica tem-se a Lei nº 16.140/2015, inciso VI, Parágrafo 3º, Artigo 10 que diz: utilizar a horta como instrumento educacional e de inserção do pensamento holístico; despertar o interesse dos estudantes pelo cultivo e o conhecimento do processo de germinação.

Ainda: aprender a cultivar plantas utilizadas na alimentação; conscientizar sobre a necessidade de conservação dos recursos naturais; enriquecer o conhecimento dos estudantes; degustar o alimento que foi cultivado e colhido por eles; criar, na escola, uma área verde produtiva na qual todos se sintam responsáveis, entre outras ações.

A Portaria nº 6.720/2016 da Comissão Especial com Integrantes de CODAE e COPED – Implantação da Horta Pedagógica, considera que o disposto na Lei Municipal nº 16.140/2015, regulamentada pelo Decreto de nº 56.913/2016, explicita a inclusão de alimentos orgânicos ou de base agroecológica na alimentação escolar no sistema municipal de ensino, havendo a necessidade dos docentes da educação em abordar temas relativos à alimentação desde a Educação



Infantil até o Ensino Fundamental (SÃO PAULO, 2016).

O documento define os parâmetros e procedimentos que efetivem e apoiem a implantação da horta pedagógica e demais projetos pedagógicos relacionados a essa prática, englobando a sustentabilidade, culinária, alimentação orgânica e agroecologia. Até o final de 2016 a rede apresentava 351 escolas com hortas e no início de 2017, o número subiu para 509, totalizando com a parceria 792 escolas.

Em 2017, a SME dobrou o programa de hortas nas escolas devido ao convênio firmado com a Fundação Banco do Brasil viabilizando a implementação de 200 novas hortas nas unidades educacionais do município de São Paulo (SÃO PAULO, 2017).

Na época, o Secretário da Educação, Alexandre Schneider, relatou que: “A parceria é fundamental porque a horta pedagógica dentro da escola amplia e muito as possibilidades do trabalho que os professores podem desenvolver com as crianças sobre sustentabilidade e alimentação, por exemplo, ensinando na prática sobre o uso da água ou a produção de alimentos”.

Além das especificações a Prefeitura investiu em formação continuada aos docentes interessados em assumir o projeto, como por exemplo, o Comunicado nº 379/2019, trouxe o curso: “Formação de Hortas Pedagógicas”. O público-alvo abrangeu diferentes cargos como agente de apoio, agente escolar, auxiliar técnico de educação, coordenador pedagógico, diretor de escola, professor de Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, e Médio, analista de saúde (nutrição nível I, II, III e IV), a fim de contribuir com a correta implementação do uso de hortas como projeto escolar (SÃO PAULO, 2019).

Ao final do curso as escolas que participaram entregaram um plano de ação para a implantação e a manutenção da horta, juntamente com as estratégias que irão utilizar para envolver crianças e jovens, considerando as especificidades do contexto atual.

Assim, de acordo com as orientações pedagógicas presentes no documento de Ciências Naturais dos Ciclos Interdisciplinar e Autorial do Município da Cidade de São Paulo, deve haver uma integração dos componentes curriculares a fim de desenvolver habilidades nos estudantes para que eles se tornem cidadãos críticos e ativos na sociedade em que vivem.

O referido documento, traz a construção do pensamento científico pautado em três pilares: Universo; Cidadania e qualidade de vida e Sustentabilidade. Quando se fala em projetos, a Educação do Município da Cidade de São Paulo é referência, uma vez que prioriza a educação integral dos estudantes através de projetos, como no caso do Mais Educação.

Com relação ao projeto de horta pedagógica os dois últimos eixos contemplam as habilidades necessárias que devem ser desenvolvidas com os estudantes, além de promover o protagonismo juvenil através de interações socioambientais que permitam a eles, coletivamente e individualmente construir atitudes e competências voltadas para a preservação do meio ambiente.

Ou seja, a Educação Ambiental traz propostas pedagógicas que contemplam a conscientização, a mudança no comportamento, o desenvolvimento de competências e a participação dos educandos.

No ano de 2014, foi aprovado o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2014), a partir da implementação de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), englobando a Educação Básica e as diversidades regionais. Porém, somente três anos após é que a BNCC foi realmente aprovada, discutindo também o ensino de Ciências, trazendo conhecimentos fundamentais para esse tipo de projeto:

Nessa perspectiva, no geral, é tarefa da escola, palco de interações, e, no particular, é responsabilidade do professor, apoiado pelos demais profissionais da educação, criar situações que provoquem nos estudantes a necessidade e o desejo de pesquisar e experimentar situações de aprendizagem como conquista individual e coletiva, a partir do contexto particular e local, em elo com o geral e transnacional (BRASIL, 2010, p. 39).

Este documento reconhece a competência: “[...] no sentido de mobilização e aplicação dos conhecimentos escolares, entendidos de forma ampla (conceitos, procedimentos, valores e atitudes). Assim, ser competente significa ser capaz de, ao se defrontar com um problema, ativar e utilizar o conhecimento construído” (BRASIL, 2017, p.16).

A pesquisa faz parte do processo educativo se contrapondo as aulas tradicionais, onde o docente deve se tornar mediador do conhecimento e as crianças protagonistas. Assim, nesse tipo de atividade o protagonismo deve prevalecer com relação as decisões tomadas pelo docente:

Para ter eficácia, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos. Isto significa saber o que o mundo é e como ele se define e funciona, de modo a reconhecer o lugar de cada país no conjunto do planeta e o de cada pessoa no conjunto da sociedade humana. É desse modo que se podem formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro (SANTOS, 2008, p. 115).

Ou seja, em relação ao meio ambiente, desde a industrialização e a ganância humana até o desenvolvimento, surgiram problemas como a poluição ambiental e surgiram problemas sociais preocupantes. Portanto, no campo da Educação, é necessário discutir e trabalhar o tema para conscientizar os educandos sobre o impacto de suas ações na sociedade, entre outras coisas, já que a educação ambiental promove a cidadania e possibilita que os educandos participem de atividades sociais e processos culturais e políticos relacionados ao meio ambiente desde pequenos: “Nesse sentido, a educação ambiental deve ser transformadora, coletiva e duradoura, por meio da qual seja possível pensar e agir sobre a realidade local” (LOUREIRO, 2004, p. 81).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caso da Pedagogia de Projetos, a mesma revolucionou o ensino, a partir da Escola Nova. O movimento surgiu trazendo questionamentos em relação a escola tradicional, que apenas transmitia conhecimentos ao invés de



desenvolvê-los com os educandos. Com essa nova visão, a Escola Nova introduziu novas práticas curriculares.

Com o tempo, uma outra situação questão se mostrou necessária: o desenvolvimento de projetos, que atualmente, encontram-se cada vez mais presentes nas escolas, em especial, na educação do município da Cidade de São Paulo. A implantação da Horta em consonância com o Projeto Político Pedagógico (P.P.P.) das escolas vão de encontro com o documento de Ciências Naturais da Rede Municipal de Ensino da Cidade de São Paulo, trazendo a importância do seu desenvolvimento junto as crianças da Educação Infantil.

A ideia é envolver os educandos em ações socioambientais que permitam aos sujeitos envolvidos no processo de forma individual e coletiva, construindo habilidades, atitudes e competências voltadas para a preservação do meio ambiente. Desenvolver projetos nesse sentido, dentro da temática Educação Ambiental, tem entre outros objetivos socializar informações, trocar experiências e valorizar as concepções prévias, bem como as relações entre sujeito e meio ambiente. Além disso, dentro deste contexto avaliar as implicações de um projeto para o trabalho docente. Infelizmente, o ser humano ainda faz uso dos recursos naturais sem discriminação alguma, contribuindo para a poluição do meio ambiente e seus ecossistemas, sendo o solo um dos recursos mais degradados devido a agropecuária, uso de fertilizantes e agrotóxicos, construção de vias e outros recursos que acabam muitas vezes por inviabilizar a utilização deste a longo prazo.

Assim, desde a Educação Infantil é preciso desenvolver cidadãos críticos, bem como transformar essas crianças em multiplicadores de informações, levando a conscientização a seus colegas, escola, família e comunidade. A educação enquanto prática transformadora pode contribuir para desenvolver a consciência ambiental desses educandos em relação ao meio ambiente e a outros recursos naturais, o que poderia auxiliar a minimizar os problemas relacionados à degradação do meio ambiente. Assim, a educação deve transcender os muros da escola e os conteúdos específicos, disseminando valores, proporcionando conhecimentos, desenvolvendo habilidades e outros aspectos que promovam o progresso das relações éticas entre os educandos sobre os seres vivos e não vivos e a vida no planeta.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004\\_10.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_10.pdf). Acesso em: 12 mar. 2022.

CAPRA, F. A teia da Vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 11 ed. SP: Editora Cultrix, p.231, 1996.

FILHO, J.C.C. O uso da Pedagogia de Projetos como estratégia de ensino e aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos: contribuições para a qualificação profissional. Edutec, n. 3, 2016.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987. 184p.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre; Artes Médicas, 1998.

IBAMA. Educação ambiental: as grandes orientações na Conferência de Tbilisi. Especial – ed. Brasília: IBAMA. 1998.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. Cadernos de Pesquisa. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: Autores Associados, n. 118, p. 189-205, 2003.

JACOBOSKI, R.I. A pedagogia de projetos: o novo olhar na aprendizagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010, 60p.

LOUREIRO, C.F.B. Educação ambiental e gestão participativa na explicitação e resolução de conflitos. Gestão em Ação, Salvador, v. 7, n. 1, p. 37-50, jan./abr. 2004.

MEDEIROS, A.B.; MENDONÇA, M.J.S.L.; SOUZA, G.L.; OLIVEIRA, I.P. AA Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais. Revista Faculdade Montes Belos, v. 4, n. 1, set. 2011.

REIGOTA, M. Desafios à educação ambiental escolar. In: JACOBI, P. et al. (orgs.). Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências. São Paulo: SMA, 1998, p.43-50.

SANTOS, M. Técnica, Espaço, Tempo: globalização e Meio Técnico-Científico Informacional. 5ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2008. 176 p.

SÃO PAULO. Portaria nº 5.360, de 04/11/2011. Reorganiza o Programa “Ampliar” instituído pelo Decreto nº 52.342, de 26/05/11 nas Unidades Educacionais da Rede Municipal de Ensino e dá outras providências. Disponível em: <https://www.sinesp.org.br/index.php/quem-somos/legis/287-evo-lucao-funcional-promocao/3568-portaria-n-5-360-de-04-11-2011-reorganiza-o-programa-ampliar-instituido-pelo-de-creto-n-52-342-de-26-05-11-nas-unidades-educacionais-da-rede-municipal-de-ensino-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 11 mar. 2022.

SÃO PAULO. Portaria nº 6.720, DE 23/09/2016. Comissão Especial com integrantes de CODAE E COPED – Implantação da Horta Pedagógica. Disponível em: <https://www.sinesp.org.br/index.php/179-saiu-no-doc/614-portaria-n-6-720-de-23-09-2016-comissao-especial-com-integrantes-de-codae-e-coped-implantacao-da-horta-pedagogica>. Acesso em: 10 mar. 2022.



SÃO PAULO. Secretaria Especial de Comunicação. Secretaria da Educação dobra programa de hortas em escolas. Disponível em: <http://www.capital.sp.gov.br/noticia/secretaria-da-educacao-dobra-programa-de-hortas-em-escolas-1>. Acesso em: 13 mar. 2022.

SÃO PAULO Comunicado nº 379, de 10/05/2019. Curso "Formação Hortas Pedagógicas". Disponível em: <https://www.sinesp.org.br/quem-somos/legis/74-comunicados/7792-comunicado-n-379-de-10-05-2019-curso-formacao-hortas-pedagogicas.html>. Acesso em: 10 mar. 2022.

SÃO PAULO. Lei nº 16.140 de 17 de Março de 2015. Dispõe sobre a obrigatoriedade de inclusão de alimentos orgânicos ou de base agroecológica na alimentação escolar no âmbito do Sistema Municipal de Ensino de São Paulo e dá outras providências. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-16140-de-17-de-marco-de-2015>. Acesso em: 09 mar. 2022.

SEGURA, D.S.B. Educação Ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001. 214p.

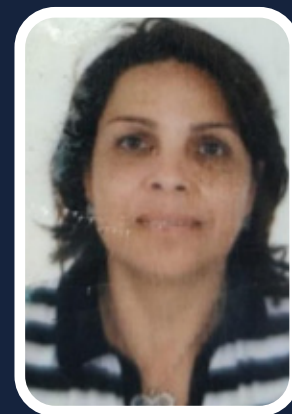
SOUSA, C.A. de.; MEDEIROS, M.C.S.; SILVA, J.A.L.; CABRAL, L.N. A aula de campo como instrumento facilitador da aprendizagem em Geografia no Ensino Fundamental. Revista Educação Pública. 2016.

UNESCO. Década da Educação das Nações Unidas para um Desenvolvimento Sustentável, 2005-2014: documento final do esquema internacional de implementação, Brasília, Brasil, 2005. 120 p.





# A IMPORTÂNCIA DA ARTE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL



SANDRA REGINA SANTIAGO - Graduação em Pedagogia pela Faculdade Nove de Julho em 2013; Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade da Aldeia de Carapicuíba - FALC) em 2014, Segunda Licenciatura em Artes Visuais pelo Centro Universitário de Jales em 2016; Especialista em Arte e Educação pela Faculdade Itaqua em 2019; Especialista em Educação Musical e Ensino de Artes pela Faculdade de Administração, Humanas e Exatas – FAHE em 2021. Professora de Educação Infantil na CEMEI Andaguçu.

## RESUMO

Este artigo busca evidenciar a importância e os impactos que a arte causa no desenvolvimento infantil. Possibilitar que a criança tenha contato com a arte e seja motivada para tal é desenvolver um leque de oportunidades futuras que serão essenciais na trajetória de vida. A arte é fundamental para que o ser humano possa ter o pleno desenvolvimento e consiga se expressar, além de contribuir em todo processo de construção cognitiva emocional e equilíbrio da criança. Nessa fase é importante que o profissional esteja totalmente engajado e motivado para ser um agente auxiliador, por uma metodologia totalmente inovadora, que dê bons resultados, como também o envolvimento dos pais. Nessa perspectiva, o artigo busca expressar e nos fazer refletir sobre como é importante o devido valor do ensino da arte para um desenvolvimento infantil efetivo e satisfatório, além do conhecimento teórico acerca do tema.

Palavras-Chave: Desenvolvimento; Infantil; Arte

## INTRODUÇÃO

A arte possui diversos conceitos, sendo por diversas vezes complexa sua interpretação. Porém, o que se sabe é que ela é uma importante ferramenta para o desenvolvimento quando executado de forma dinâmica, consciente e inovadora. A arte não está só associada a fatores artísticos como pintura, desenho, dança e teatro, mas possui uma forte conexão com sentimentos e descobertas sobre o mundo, sendo que a arte pode se manifestar das mais variadas formas. Diariamente é vivenciada a arte, porém de uma forma despercebida, se fazendo presente no nosso cotidiano. Ainda é comum o desprezo da arte pelas instituições de ensino, o que acaba sendo um engano, visto que se bem executada pode contribuir de forma positiva na educação das crianças.

Atualmente existe a necessidade de as escolas também terem a consciência do quão essencial é a introdução da arte no ensino infantil para poder auxiliar na construção do mundo de descobertas e no processo de aprendizagem e seu desenvolvimento. Diante do exposto, o artigo busca de forma clara, apresentar a importância da arte na vida da criança, e a necessidade de se vincular ao ensino, sendo que sua contribuição é totalmente modificadora quando nos referimos sobre a influência e formação infantil.

A importância do contato com a Arte desde cedo na vida do indivíduo é, assim, defendida por alguns autores quando ressaltam que o ensino de Arte na escola deve receber uma atenção especial desde o oferecimento na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, partindo da explicitação do que se seja Arte e do simples fato de sua presença nestas etapas de ensino. Em relação à Educação Infantil, o trabalho com Arte sempre esteve presente nas instituições como se esta área de conhecimento fosse natural do desenvolvimento das crianças nesta etapa da vida.

Desde que os cuidados com crianças passaram do seio familiar para pessoas cuidadoras ou instituições educativas, a Arte marcou presença nestes ambientes manifestando-se nos desenhos, cantorias, esculturas com argila, pinturas das crianças, etc., por meio tanto de atividades para passar o tempo nos momentos de espera na rotina da instituição como na confecção de ornamentos para uma especial, no reforço de algum conteúdo de outra área do conhecimento ou mesmo como livre expressão da criança.

Entretanto, temos claro que o papel do educador, ou do espaço da Arte nas instituições que atendem as crianças de 0 a 5 anos, não é o de apresentar-lhes a Arte como fragmentos de uma cultura, mas sim o de trabalhar para ampliar a percepção, desenvolvendo o pensamento da criança sobre o mundo, sobre si própria e estimulando nela as expressões de linguagens mais variadas.

## A ORIGEM DA ARTE E SEUS OBJETIVOS

Como relata Duarte Junior (1994, p. 15), “desde que foram descobertas diferentes e diversas representações artísticas preservadas da pré-história até o presente, estudos intensivos foram realizados sobre as características das obras de arte e a data de origem de cada uma dessas obras artísticas”. É por isso que foram lançadas milhares de hipóte-



ses que buscam responder a todas as perguntas feitas sobre a origem e o significado da arte. É por isso que a maioria das pessoas está ciente que é arte ou dos tipos que existem, mas nunca se perguntou qual é a origem. A arte é uma habilidade inata que os artistas possuem, com os quais podem criar e desenvolver várias coisas, como uma pintura, um poema, uma melodia, entre outras. É por isso que se diz que a arte é uma representação dos sentimentos e emoções que a nossa alma tem.

Segundo Tabosa (2005, p. 04), “a arte é quase tão antiga quanto o homem, cerca de 30.000 anos atrás, se originou; portanto, a origem da arte pode ser rastreada até o período paleolítico”. Desde que foram as primeiras representações artísticas, ou seja, a arte surge na Idade da Pedra., no entanto, até vários anos atrás, havia uma teoria que dizia que a arte se originou no Paleolítico Superior como uma criação característica apenas do Homo sapiens, ou seja, essa teoria localizou o início da arte há mais de 40.000 anos na Europa. Mas essa teoria foi rejeitada desde alguns anos atrás, representações artísticas com muito mais antiguidade foram encontradas em outros continentes, como Austrália e África.

Portanto, desde que essas manifestações artísticas foram encontradas, surgiu outra teoria que diz que a origem da arte é um conceito muito universal, onde a possibilidade de que o homem neandertal, ou seja, homo neandertalenses, também possa realizar obras de arte.

Segundo Azevedo (2007, p 42), “as primeiras representações artísticas não coincidem com o conceito que se tem hoje do que é arte, ou seja, são representações do que hoje se chama artes aplicadas”., portanto, o que se conhece hoje pela arte pode ser uma representação de todas as obras com uma função estética e cuja coleção é um conceito moderno, com apenas alguns séculos de idade, portanto, não se manifesta nos povos tradicionais.

No entanto, se falar de uma grande característica, deve-se enfatizar que o início da arte são todas as pinturas rupestres encontradas, as figuras e outros produtos esculpidos, chamada arte de móveis, e podemos dizer que eles também incluem monumentos megalíticos.

Todos os especialistas e pesquisadores concordaram que a arte que existia na pré-história era totalmente instrumental, portanto, foram desenvolvidas com funções específicas., no entanto, existe uma dificuldade em tentar descobrir o significado real ou a utilidade que ele possuía, embora existam várias teorias sobre a origem da arte, portanto, é impossível saber exatamente quando ela se originou, o significado que ela tinha e o que ela possuía. utilidade que tinha.

Para Canclini (1984, p. 19), “uma das maneiras mais úteis de obter teorias validadas sobre a origem da arte e seu significado é tentar encontrar povos tradicionais”. Essas cidades continuam a realizar artesanato e arte semelhantes às obras de arte encontradas nos tempos pré-históricos e simplesmente perguntam como elas fazem as obras de arte e tentam conhecer um pouco mais sobre elas. Dessa forma, muitas obras foram descobertas, um exemplo da caverna de Altamira, esta obra de arte apresenta características de uma pintura ritual realizada por xamãs para tentar se apossar da força do animal. Embora ainda não se saiba exatamente se essas pinturas foram as primeiras representações, portanto, não se sabe exatamente quando a arte se originou.

<http://char.txa.cornell.edu/ART/create.gif> Segundo Azevedo (2007, p.96), “o objetivo mais antigo da arte é um veículo para rituais religiosos”. Desde as pinturas rupestres pré-históricas da França até a Capela Sistina, a arte serviu à religião. Durante séculos, a Igreja foi o principal patrocinador dos artistas. Nas sociedades tradicionais ainda hoje, o objetivo principal da arte é religioso ou cerimonial. A arte sempre serviu como propaganda ou comentário social. Imagens de propaganda são tentativas de convencer-nos a determinados pontos de vista ou ações promovidas por instituições públicas ou privadas, como partidos políticos, lobistas, governos ou grupos religiosos.

Para Bausbaum (1987, p. 36), “a arte pode ser simplesmente um meio de registrar dados visuais — dizer a “verdade” sobre o que se vê”. Após o Renascimento, os artistas se preocuparam com novas formas de capturar a realidade, como o uso da perspectiva linear e o realismo possível através do uso da técnica de pintura a óleo. Com o tempo, artistas como Courbet e Cézanne (e muitos que os seguiram) começaram de várias maneiras a desafiar a ideia básica do que é uma imagem ser verdadeira e real.

A arte também pode ser vista como agradável à beleza que cria os olhos., no entanto, a ideia de beleza, como a de verdade, foi desafiada na era moderna. Em simultâneo, esperava-se que o artista retratasse a perfeição — ideais elevados e nobres de beleza., no entanto, à medida que a sociedade se tornou mais industrializada e democrática, muitas pessoas pensativas começaram a ampliar suas noções do que poderia ser belo., por exemplo, Rembrandt podia comemorar a qualidade tátil da tinta e da cor em sua imagem de um lado da carne, e Courbet e Millet podiam ver a beleza na vida dos camponeses comuns.

Segundo Lowenfeld e Brittaina (1970, p. 45), “arte também é um meio poderoso de contar histórias”. este era um dispositivo comum da arte religiosa da Idade Média, por exemplo, nos afrescos de Giotto da Igreja de San Francesco de Assisi, onde sequências de painéis eram usadas para contar histórias das Escrituras ou vidas de santos. É também o grande presente de Norman Rockwell, que conseguiu contar histórias poderosas e sutis sobre pessoas e eventos comuns, em apenas uma imagem. Uma imagem vale mais que mil palavras.

A arte pode transmitir emoções intensas. O poder expressivo da arte pode ser visto de maneira literal na captura da expressão facial e da linguagem corporal. Certas artes religiosas e obras de expressionistas como Munch ou Kirchner são carregadas de emoções poderosas. Picasso, em obras como Guernica (também um exemplo de poderoso comentário social e narrativa), consegue comunicar emoções intensas. Isso é realizado de várias maneiras pelo uso de cores, luzes, formas e / ou outros elementos dramáticos ou exagerados.

Para Oliveira e Freitas (2008, p. 120), “uma das principais funções da arte é interpretar o assunto em questão”. O assunto não muda muito com o tempo. Embora o novo assunto tenha evoluído, a condição humana, a natureza e os eventos continuam a capturar a atenção dos artistas. Também não se pode dizer que a qualidade ou mérito artístico das obras de arte aumentou, ou diminuiu com o tempo., no entanto, ao longo do curso da história, à medida que a sociedade mudou, também mudou a interpretação de assuntos específicos.

## REGULAMENTAÇÕES SOBRE O ENSINO DE ARTES

A arte até pouco tempo não era vista como algo essencial e tão pouco estava inserida no ciclo de básico de educação. Porém, ao ser reconhecida como uma etapa pedagógica essencial no conhecimento, englobando a sensibilidade, cultura, conhecimento e formação da criança, passou a ser inserida na Lei de Diretrizes Básicas e Educação 9.394/96. Conforme a Referência Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI):



A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo às artes visuais. Tal como a música, as Artes visuais são linguagens e, uma das formas importantes de expressão e comunicação humanas, o que, por si só, justifica sua presença no contexto da educação, de modo geral, e na educação infantil, particularmente (RCNEI, 1996 (p. 85).

A criança possui um incrível potencial que se igualam a de um artista, conseguindo utilizar a imaginação e fantasia, para transformar traços em muitas “obras”. É nessa fase onde a criança está em plena fase de descobertas e desenvolvimento, que seu olhar se torna diferenciado, onde todas as percepções o podem significar inúmeras configurações. Dessa forma, cabe a educação manifestar o privilégio pela liberdade de cada criança respeitando sua faixa etária, como criar atividades inseridas em trabalhos lúdicos, em busca de se alcançar uma aprendizagem altamente eficaz, se distanciando de coisas “meramente prontas”.

O processo de educação, envolve diversos fatores, sendo que o professor deve se apropriar de conhecimento e se inteirar do que a arte pode propiciar ao aluno, buscando sempre explorar novas técnicas de uma forma que faça sentido à criança.

A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e conseguir instruir os outros acerca desta, porém, sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por esse mundo. Face à criança, é como se ele fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: isso é o nosso mundo (BARBIE-RI, 2012, p. 146).

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010) a proposta curricular busca ter uma nova visão sobre o que é arte e seu ensino, em busca de garantir a exploração do conhecimento de si e do mundo por meio da expressão, brincadeiras, pinturas, danças, e diferenças linguagens.

## A ARTE COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE E IMAGINAÇÃO

Ouvimos muito falar em imaginação, mas afinal como podemos defini-la? A palavra criatividade deriva de criação, porém é preciso ficar atento, pois, criar e criação possuem definições totalmente diferentes. Para Vygotsky (1982), criatividade é uma atividade que permite ao homem se projetar ao futuro e transformá-lo em realidade, dando a possibilidade de nos fazer compreender a realidade, sentir e atuar de uma forma produtiva, sendo algo também uma função comum a todo ser humano.

Para Sousa (2003), o conceito de criação, se reporta algo real, uma obra, ou uma ação decidida que é consciente, enquanto a criatividade não tem sentido algum se não estiver acompanhada de uma criação. A criatividade e imaginação possuem diversas investigações, porém sempre na mesma direção. De acordo com Barbieri (2012), a criatividade está ligada a capacidade de solucionar problemas que possam existir. A criatividade refere-se a um processo em que os resultados são pessoais sendo aceitas por grupos sociais.

Muitos autores também defendem a ideia de que a criatividade não está apenas ligada a algo transacional, mas também como uma aptidão que dá a possibilidade de criar estruturas. Muitas teorias buscam abordar uma definição sobre a criatividade, nesse contexto evidencia-se a importância de estimular a criatividade da criança, pois ao desenvolvê-las, acreditamos em sua potencialidade, em simultâneo, em que a criança começará a ter novas percepções sobre a forma de utilizar sua imaginação.

Segundo Vygotsky (1994), a imaginação é considerada um mecanismo psicológico, onde existe um elo entre o que é considerado fantasia e realidade. Nessa fase, a criança utiliza sua imaginação para potencializar a criação de algo totalmente novo, e mistura o que é fantasia e o que é realidade. Enquanto crianças, é imprescindível que haja o contato com a arte através de diversas habilidades que desenvolvam e internalizem sua formação integral, sendo evidente que a criatividade tem um papel muito importante no desenvolvimento infantil, conforme apontam pesquisas, onde quanto maior a chance de a criança desenvolvê-la é mais propício que futuramente ela conquiste um bom emprego e faculdade.

É de suma importância o planejamento e trabalhos desenvolvidos em sala de aula, de modo a executar atividades para desenvolver a criatividade e alinhar o processo de novas competências e habilidades. Nesses casos o papel que o educador desempenha é essencial para propor atividades que façam com que o aluno saia de sua rotina e zona de conforto.

O processo de construção da criatividade e imaginação por meio da utilização da arte faz-se necessário um ambiente propício e acolhedor para que as crianças possam expressar e expor seus pensamentos, sem reprimi-los. É imprescindível a utilização de novas metodologias pedagógicas nesse processo, como no caso da inserção de músicas, instrumentos, artes visuais para que a criança possa se desenvolver por meio do contato com novas técnicas artísticas. A arte é importante para as crianças porque é comum se observar a criança profundamente envolvida na arte., mas, além do que se sente e se acredita, há muitas informações factuais sobre porque a arte é importante no desenvolvimento das crianças. A criação de arte expande a capacidade de a criança de interagir com o mundo ao seu redor e fornece um novo conjunto de habilidades de autoexpressão e comunicação. A arte não apenas ajuda a desenvolver o lado direito do cérebro, mas também cultiva habilidades importantes que beneficiam o desenvolvimento., mas a arte vai muito além das estatísticas tangíveis medidas por estudos — pode se tornar um modo fundamental de autoexpressão desinibida e espantosa para uma criança. A arte é importante da mesma forma que a linguagem — ou a maneira como respirar!

A arte pode trazer várias habilidades:

Habilidades de comunicação: quando uma criança faz um desenho, pinta um retrato ou pendura botões em um celular trêmulo, essa criança está começando a se comunicar visualmente. Uma criança pode desenhar para documentar uma experiência real, como brincar no parque, liberar sentimentos de alegria pintando cores vibrantes ou compartilhar uma experiência carregada de emoção, como a passagem de um familiar pela arte. A arte vai além da linguagem verbal para comunicar sentimentos que, de outra forma, não seriam expressos.

Habilidades de resolução de problemas: quando as crianças exploram ideias de arte, elas estão testando possibilidades e trabalhando com desafios, como um cientista que experimenta e encontra soluções.

Habilidades sociais e emocionais: a arte ajuda as crianças a se reconciliarem consigo mesmas e com o controle a ter sobre seus esforços. Por meio da arte, eles também praticam compartilhar e se revezar, bem como valorizar os esforços uns dos outros. A arte estimula a saúde mental positiva, permitindo que a criança mostre singularidade individual, bem



como sucesso e realização, tudo parte de um autoconceito positivo.

Habilidades motoras finas: as habilidades motoras finas permitem que uma criança faça coisas como virar delicadamente a página de um livro ou preencher uma folha de papel com palavras escritas. Segurar um pincel para ele fazer as marcas desejadas, cortar papel com tesoura em formas definidas, desenhar com giz de cera ou espremer cola de uma garrafa de maneira controlada ajuda a desenvolver as habilidades motoras finas e o controle dos materiais da criança.

Autoexpressão e criatividade: as crianças se expressam através da arte em um nível fundamental. Às vezes, sua obra de arte é a manifestação dessa expressão, mas, mais frequentemente, o processo físico de criação é a expressão. Criar arte permite que as crianças trabalhem seus sentimentos e emoções, e referir-se a uma obra de arte acabada ajuda a criança a falar sobre os sentimentos de uma maneira nova e significativa. A arte também desenvolve a criatividade da criança. Em vez de receber instruções sobre o que fazer, as respostas e instruções vêm da criança. A arte é uma experiência que requer pensamento livre, experimentação e análise - tudo parte da criatividade.

## ARTE E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A arte possui muita importância no desenvolvimento infantil: ela colabora para o desenvolvimento expressivo e no processo de desenvolvimento de poética pessoal para formação de sua criatividade, criando um indivíduo mais sensível e com novas percepções. O ser humano possui capacidade para ensinar e aprender, sendo que a criatividade da criança precisa ser trabalhada e desenvolvida por um trabalho que pode ser desenvolvido nas escolas. Para compreender o impacto que a arte possui no desenvolvimento infantil, é necessário a análise de desenvolvimento no período de 2 a 12 anos.

De acordo com Sans (1995) a natureza da criança é brincar e lidar com o mundo lúdico fazendo o que lhe dá satisfação e prazer, sendo uma forma de expressão por meio da alegria, brincadeiras, desenhos e valorização de suas vontades e desejos.

Geralmente a partir dos dois anos a criança começa a fazer desenhos. Nessa etapa de vida, a criança começa a se abrir para novas experiências e a desenvolver novas ações, como tocar, experimentar com o corpo, cheiras, dentre outras ações.

Seu pensamento se dá na ação, na sensação, na percepção, sempre regado pelo sentimento. Convive, sente, reconhece e repete os símbolos do seu entorno, mas não é, ainda, um criador intencional de símbolos. Sua criação focaliza a própria ação, o exercício, a repetição (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 96).

A criança nessa idade começa a fazer garatujas, se manifestando de forma gráfica, corporal ou sonora reproduzindo tudo o que está a sua volta. Ressalta-se a importância de que as garatujas não necessariamente são gráficas, sendo que sua exploração também pode ser através de outras categorias de materiais e até mesmo a utilização do próprio corpo para se manifestar artisticamente, fazendo novos movimentos com a boca e sons. A criança então passa a ter maior contato com materiais, e nesse processo de desenvolvimento, fazer rabiscos, linhas horizontais, inclinadas, verticais, círculos que para os adultos são sem significados, mas que devem ser estimulados, pois, é a partir dos rabiscos, que será futuramente desenvolvida a escrita.

De acordo com Lowenfeld (1970), a arte pode contribuir positivamente no desenvolvimento da criança, pois é a partir da interação com o mundo externo que inicia o processo de aprendizagem. A interação se torna importante, pois nessa fase é onde a criança gosta de imitar, a partir de gestos e ações, necessário o incentivo do adulto, família, professores, oferecendo conteúdos suficientes para ampliação de suas ações e conhecimento.

Nessa fase os pais, quanto os professores devem estar atentos para que a criança seja livre em se expressar, deixar de lado comentários que não contribuam para seu desenvolvimento e deixar que o processo de garatujas aconteça no tempo necessário, sem querer apressá-lo. A criança quando reprimida, passa a ter medo e acaba não se arriscando da maneira como deveria, impactando negativamente nesse processo de contato com a arte para seu desenvolvimento, não mais se expressando.

Devemos concordar com Martins, Picosque e Guerra (1998), quando citam que a arte e linguagem básica das crianças merece uma atenção, espaço especial e incentivo a exploração. Depois da fase das garatujas, entre os quatro e sete anos, a criança começa a se expressar e apresentar novas características: descobre os nomes, fazem indagações e começam a dar atenção aos significados. Nesse processo, os jogos começam a ser muito utilizados, e tudo passa a ter um sentido, como uma vassoura passa a ser um cavalinho, ou uma borracha um carrinho.

Os desenhos mudam gradualmente até se tornarem letras depois de várias tentativas e então começa a diferenciação de letras e desenhos. Nessa fase os traços e desenhos começam a ter maior controle e geralmente começam a fazer desenhos de figuras humanas. Nessa fase a criança busca novas experiências e a representar o ser humano na totalidade. Não há a preocupação de organizar as cenas no papel, sendo que seus desenhos são expostos de forma totalmente desordenada e aleatória, pois é onde a criança desenha da forma que os compreende e não de acordo com sua realidade.

Com o passar do tempo, os desenhos começam a ganhar mais detalhes e nas representações feitas com massinhas, a criança também começa a apresentar mais riqueza de detalhes deixando de ser figuras bidimensionais para tridimensionais.

Todo desenho executado, como também todo registro de seus sentimentos e percepções, são considerados um reflexo de criatividade e desenvolvimento. Assim o professor começa a entender melhor seu aluno e ajudá-lo se necessário. Para Lowenfeld e Brittain (1970), a arte infantil facilita-nos não apenas a compreender a criança, mas desenvolvê-la também por meio da arte.

Nas aulas de artes, o professor tem um papel fundamental para estimular e investigar seu aluno através de um repertório que seja capaz do aluno investigar, explorar, rabiscar e ter a liberdade de desenvolver a criatividade mesmo errando. As atividades devem ser apresentadas como algo motivacional fazendo com que a criança da real importância e tenha significado.

De acordo com Martins, Picosque e Guerra (1998), é através dos jogos de faz de conta ou jogos simbólicos que





a estética, espontaneidade e capacidade de criação ficam evidentes quando a criança faz representações de situações através de imagens e objetos.

Pode-se citar que nessa fase a principal característica é da criança se expressar e estimular sua criatividade.

O trabalho realizado pelo professor contribui para que a criança possa se expressar e usar a imaginação, pois de uma forma contrária, a criança pode se tornar apenas um “modelo pronto”, pois a perda do lúdico faz com que a criança tenha um envelhecimento precoce e carência da espontaneidade. Na fase dos sete anos a criança já está no processo de alfabetização, tendo por necessidade registrar tudo que inventou ou descobriu.

“As soluções gráficas que encontra, a invenção de novas relações, são algumas das peripécias criativas que a criança vai produzindo para registrar o que vê, sabe, intui e imagina” (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 1998, p. 110).

O principal dessa fase de desenvolvimento é a utilização de linhas como base ou chão e nela a criança irá apoiar todos os desenhos que for executar, sendo que alguns casos a borda do papel serão utilizados também como chão. Nessa fase de desenvolvimento infantil, começam a ser mais exigentes e começam a ter medo de errar. A procura pela realidade também é uma grande influência na utilização de cores.

A criança com idade entre nove e dez anos, entra em uma fase onde sempre diz que não sabe desenhar, sendo necessário que o profissional que a acompanha precisa ser atento às autocríticas feitas por ela ao comparar o trabalho realizado com a realidade. É comum após uma atividade de artes a criança perguntar ao professor se está correto o trabalho realizado, por se sentirem inseguros.

É fundamental e importante que o professor possa mostrar ser possível diversas maneiras de se expressar e representar, sendo possível enriquecer seu repertório por figuras e a observação, podendo debater com a classe essas novas maneiras de se representar. É importante que o professor consiga desafiar nessa fase o aluno para que o mesmo desenvolva sua poética pessoal.

Para Martins, Picosque e Guerra (1998), nessa fase é importante que o aluno comece a gostar de músicas, e esteja em plena sintonia com conteúdo musicais do externo que a cerca. O professor nessa fase precisa colocar o aluno em contato com outras culturas e produções musicais para desenvolver a escuta ativa e perceba novas estruturas emocionais contribuindo para o desenvolvimento e valorização do repertório e produção musical do ser humano.

É nessa idade que a criança começa a ter interesse a fazer parte de grupos, em linguagens artísticas como música, teatro, dança e artes visuais, sendo que essa necessidade, será bem maior em sua fase de expressividade. Em cada nova fase a criança desenvolve sua capacidade de criatividade e autonomia, tendo maior facilidade em se expressar. Quando chega na fase dos nove a doze anos, a criança começa a entrar em uma fase de adolescência entrando no mundo do realismo.

[...] a descoberta de interesses semelhantes, de segredos compartilhados em comum, do prazer de realizar coisas em conjunto, torna-se acontecimento fundamental. Existe a crescente conscientização de que se pode fazer mais em grupo do que estando só, e de que o grupo é mais poderoso do que a pessoa solitária (LOWENFELD e BRITAIN, 1970, p. 229).

Esse tipo de necessidade deve ter a devida atenção e não pode ser reprimida. Por mais que essa fase seja vista como uma das fases mais complicadas onde a criança começa a entrar na fase de adolescência, a família, pais e professores precisam ter paciência e saber trabalhar os movimentos, pois deve ser respeitado a fase e expressividade de cada um. Ao analisar é possível mencionar que a principal característica dessa fase é a busca por sua identidade, a autonomia que está sendo gerada e a poética pessoal que está sendo refletida em suas expressões artísticas. É preciso reafirmar que a aula de Artes é importante para que o trabalho realizado seja eficiente e produza grandes resultados para o desenvolvimento do aluno.

## A ARTE NA EDUCAÇÃO

A vida é feita de etapas e descobertas, e enquanto crianças, é onde existe o contato e experiências com diversos elementos, sendo que nessa fase, os pais são essenciais para que a criança possa se expressar por meio da arte. A arte é uma excelente oportunidade que a criança tem de se desenvolver em diferentes sentidos, conseguindo compreender sua mente e imaginação. Desde dada a criança a liberdade de forma saudável para ela ter acesso a novos materiais, a arte tem o incrível poder de auxiliar no amadurecimento das percepções, visões sobre o mundo e desenvolvimento cognitivo.

Valorizada como área de conhecimento, é também na arte que encontramos a liberdade para sentir e pensar criativamente nossa história, nossos laços afetivos e cognitivos, concretizando em formas e cores os sentimentos, as emoções e as conquistas (LUNA; BISCA, 2003, p. 129).

O modo de apresentar a arte para a criança, contribui também para o exercício de sua compreensão de modo a adotar naturalmente uma visão crítica de aprendizagem que serão atribuídos nas associações para memorização dos conteúdos e conexão com novas experiências. É preciso que os pais e educadores sejam os maiores incentivadores neste processo de descobertas e conhecimento das suas próprias atitudes que estão fortemente ligadas aos seus sentimentos, pensamentos e criatividade.

Além de ser um excelente aliado na construção e desenvolvimento, ela também pode trazer grandes benefícios como melhorar significativamente no processo de desenvolvimento da fala e comunicação da criança, potencializar as atividades e capacidades intelectuais, diminuir a ansiedade, proporcionar o autoconhecimento, melhorar as relações pessoais, ajudar na construção da captação de informações, diminuir a ansiedade e estimular o aprender, criar e inovar.

É essencial investir e acompanhar cada fase e principalmente dar a oportunidade de a criança conhecer, descobrir e se desenvolver em muitos sentidos, pois serão totalmente proveitosos e gratificantes para o crescimento de cada um. A arte como educação possibilita na fase infantil o desenvolvimento da imaginação, a criação por meio da observação e novas percepções da realidade a qual está inserida.

O aluno consegue representar e apreciar por meio das mais variadas expressões linguísticas seu desenvolvimento intelectual e percepções mais aguçadas da compreensão do mundo. A criança então quando privadas dessa experiência ficam limitadas em seu desenvolvimento, provocando grandes dificuldades de expressar ideias, sentimentos e



pensamentos, sendo que suas emoções ficam guardadas e reprimidas.

Na construção da Arte utilizamos todos os processos mentais envolvidos na cognição. Existem pesquisas que apontam que a Arte desenvolve a capacidade cognitiva da criança e do adolescente de maneira que ele possa ser melhor aluno em outras disciplinas (BARBOSA, 2006, p.70).

A arte se inicia pelos sentidos, percepções, emoções e prazer em forma de representações que por novas experiências contribui para uma nova reflexão, transformando as pessoas em pesquisadoras de si e de manifestações culturais no mundo todo. É importante que os profissionais da educação deem abertura para essas transformações. Cabe enfatizar que os professores são agentes transformadores em busca de aquisição do conhecimento da arte através de ferramentas como: música, teatro, artes visuais e teatro.

De acordo com Picosque e Martins (1998), nessa perspectiva, a aprendizagem em Arte só é significativa quando o objeto do conhecimento é a própria arte, levando o aprendiz a conhecer, saber e adquirir a capacidade por diversos recursos, instrumentos e técnicos que são peculiares. O professor que aplica a matéria de arte deve levar o aluno ao longo desse processo de desenvolvimento a compreensão destes conhecimentos para serem utilizados não apenas na escola, mas que levem para suas vidas.

A ação educacional deve iniciar a partir da atividade mental e construtiva do aluno, criando condições favoráveis para que os esquemas de conhecimento, que de forma natural o aluno produz no decorrer de suas experiências, sejam mais corretos e enriquecedores possíveis e se orientem na direção marcada pelas intenções que guiam a vida escolar (COLL, 1994, p.137).

Devido às mudanças sociais, as crianças cada vez mais ficam expostas às mais variadas informações oriundas dos meios de comunicação em geral os quais vêm auxiliando na formação cultural de forma positiva ou não. Os professores devem estar atentos a essa categoria de influências e mediá-las para contribuir na aprendizagem das crianças com o uso de recursos audiovisuais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte é a representação física das visões, crenças e práticas de uma cultura. Reflete as essências das pessoas através de desenhos, pinturas, esculturas, adornos corporais e folclore. A arte pode ajudar a entender uma cultura que, de outra forma, seria difícil de se relacionar, visto que atinge as pessoas em um nível emocional básico. Embora a arte também possa variar muito entre as culturas, ela pode ser em simultâneo, um meio que preenche a lacuna entre as culturas. Pode ser usado para representar as crenças centrais de uma sociedade. A arte também pode ser usada pelas sociedades para expressar poder, prestígio e classificação.

A partir das teorias e estudos aprofundados sobre a importância da arte no desenvolvimento infantil, nota-se que a arte é fundamental para o desenvolvimento global da criança, pois é através de sua aplicação que é formada a personalidade, criatividade e imaginação. A arte deve ser reconhecida como um misto de oportunidades capazes de exprimir sentimentos, conhecer e aprimorar os sentidos e desenvolver atividades artísticas.

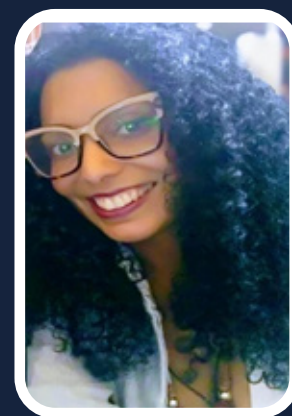
No âmbito profissional, é essencial que o professor esteja preparado para desenvolver metodologias pedagógicas eficazes que atendam a necessidade de cada criança, desempenhando o papel norteador no processo de desenvolvimento das competências. No desenvolvimento do artigo, buscou-se trazer reflexões que muitas vezes se tornam irrelevantes, pois a arte é muito mais importante do que podemos imaginar, sendo uma base sólida para que a criança desenvolva sua poética pessoal e criatividade. Portanto, podemos mencionar que a arte deve ser vista com os mesmos olhos que as demais disciplinas são vistas, ela é uma ferramenta essencial para formar e preparar a criança para a sociedade.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, J. C. Reconversão cultural da escola: mercado escola e escola cidadã. Porto Alegre: Sulina, Editora Universitária Metodista, 2007
- BARBIERI, Stela. Interações: Onde está a Arte na Infância. São Paulo: Blucher, 2012.
- BARBOSA, A.M. Arte / Educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: FUSARE, M.F.R; FERRAZ, M.H.C. Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte – Brasília, 1997.
- COLL, C. [et al.]. Desenvolvimento psicológico e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FUSARI, M.F.R; FERRAZ, M.H.C. Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez, 1998.
- IAVELBERG, R. Para Gostar de Aprender Arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. Desenvolvimento da Capacidade Criadora. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- LUNA, W.; BISCA, J. Fazendo artes com a natureza. In: NICOLAU, M. L. M.; DIAS, M. C. M. (orgs). Oficinas de sonho e realidade: Na Formação do educador da infância. Campinas: Papyrus, 2003.
- MARTINS, Mirian C.; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.
- MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 9. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2004.
- SANS, Paulo de Tarso Cheida. A criança e o artista: Fundamentos para o ensino das artes plásticas. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- SOUSA, A.A Educação pela Arte e Arte na Educação, Música e Artes Plásticas. 3.º volume. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- TABOSA, Adriana. A perda do conceito original de arte. Oficina Cinema História, Copyright, 2005.
- VYGOTSKY, L. Imaginação e Criatividade na Infância. Lisboa: Dina livro, 1994.



# AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS NA EDUCAÇÃO



TAIS CRISTINA DE ARAUJO SOUSA - Graduação em Letras – Licenciatura Plena com habilitação em Português/ Inglês Faculdade Integrada de Guarulhos - FIG (2003) Especialização em Gestão Escolar Universidade de Araras - UNAR ( 2010) . Professor de Ensino Fundamental I- Emef. Presidente Eptácio Pessoa . Professora de Educação Básica – EE. Jd.Santa Lidia.

## RESUMO

Muito diferente de outros termos de distúrbios de aprendizagem, a dislexia é definida como uma dificuldade específica de aprendizagem. A dislexia está relacionada a uma dificuldade de leitura, sendo então que devemos descartar essa dificuldade de outros distúrbios que se referem a tipos como: distúrbios de audição e fala. Sugere-se que seja discutido o temo distúrbio como um distúrbio específico, definido em termos de domínio operacional coerente. A dislexia ao contrário do que se pensa não é um resultado de uma má alfabetização, de uma condição econômica baixa ou de uma baixa inteligência, muito pelo contrário, a pessoa com dislexia tem uma inteligência e pode ou não ser de classe alta ou baixa.

Palavras-chave: Distúrbio; Dislexia; Inclusão; Intervenção; Desenvolvimento.

## INTRODUÇÃO

Muito diferente de outros termos de distúrbios de aprendizagem, a dislexia é definida como uma dificuldade específica de aprendizagem.

A dislexia está relacionada a uma dificuldade de leitura, sendo então que devemos descartar essa dificuldade de outros distúrbios que se referem a tipos como: distúrbios de audição e fala. Sugere-se que seja discutido o temo distúrbio como um distúrbio específico, definido em termos de domínio operacional coerente.

A dislexia ao contrário do que se pensa não é um resultado de uma má alfabetização, de uma condição econômica baixa ou de uma baixa inteligência, muito pelo contrário, a pessoa com dislexia tem uma inteligência e pode ou não ser de classe alta ou baixa.

A Palavra Dislexia vem do grego dus que significa difícil mais lexis que significa palavra, que serve para qualificar o transtorno do aprendizado da leitura, escrita e soletração, esse distúrbio atinge entre 10 e 15% da população no mundo.

A dislexia deve ser avaliada e diagnosticada por uma equipe multidisciplinar que possam constatar o distúrbio, sendo que essa avaliação precisa possa dar condições para um acompanhamento adequado das dificuldades de cada um para que possa ser alcançado um bom resultado.

A dislexia se apresenta de diversas maneiras e pode ser identificada na infância ou até mesmo na fase adulta.

Quando os pais ou professores se depararem com crianças inteligentes e saudáveis, mas com problemas de leitura, soletração na criança deve procurar saberem se há casos de disléxicos na família.

O desenvolvimento da leitura é um dos primeiros desafios enfrentados pelos alunos na escola. Portanto precisam apresentar um bom desempenho na alfabetização que é considerado uma como uma peça chave na evolução do aluno.

Mesmo com ajuda dos professores é necessário que os pais encaminhem seus filhos a tratamentos que ajudem no distúrbio dos disléxicos.

## O TRABALHO ESCOLAR COM ALUNOS PORTADORES DE DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM

É importante que a escola fique sempre atenta a sua conduta correta que por vezes não age de tal forma. A escola precisa desenvolver competência linguística, ou seja precisa devolver à criança a competência linguística e metalinguística, a fim de desenvolver a capacidade do educando de ler para aprender, de escrever para aprender, de aprender a aprender.

Revelar que a língua é histórica, que seu alfabeto tem origem grega, tem influência hebraica, tem marcas dos signos egípcios, por exemplo, é de extrema importância para o conhecimento das letras para decodificação, primeira etapa da leitura proficiente. A história das letras do alfabeto deve fundamentar o ensino na fase Infantil, e fundamental. Desta forma, tão logo responsáveis ou mestres notarão o modo que a criança escreve. E que alguns erros podem advir de lateralidade.



Referimo-nos a uma pedagogia de ensinar coisas simples. Ensinar bem é ensinar com simplicidade, com objetividade. Contudo, a Linguística, se dá pela explicação e descrição claras dos fenômenos da linguagem. Cite-se como exemplo o, “p” e “b”, uma vez que são parecidos, porém, a grafia de um desce(p), e de outro, sobe(b). Subir e descer.

Descer e subir. Espaço. Lateralidade. Fácil para os adultos. Difícil para as crianças. E uma letra que se parece com outra, mas, na escrita produz som distinto. Os professores estudaram os fatos da língua. Aos nove anos de idade é possível que o educando não assimile tais informações linguísticas de forma eficiente. Às vezes pode haver uma deficiência de percepção espacial, de lateralidade. Pode ser, pois, uma deficiência cognitiva.

Na escola o educador deve ficar atento as crianças entre oito e nove anos de idade para observar possíveis problemas de leitura e de escrita, pois nesta fase a troca de fonemas reflete algumas vezes numa deficiência de ordem linguística, na formação inicial da alfabetização e do letramento da criança. Sabe-se que muitas deficiências são encontradas na própria pedagogia.

É fato que muitos profissionais da educação tenham deficiência de formação. Portanto a má formação dos educadores é involuntária e com isso traz sérias consequências para o processo leitor do aluno.

Sabe-se que se ensinarmos a criança com cinco vogais, usando o sistema linguístico da Língua Portuguesa, será considerado este alicerce fraco demais, proporcionando ao aluno uma possível dislexia, portanto é necessário ensinar as 12 vogais. É preciso saber que vogais são os sons da fala e não apenas as letras.

As vogais são consideradas fonemas que são unidades sonoras das palavras e tem a ver com a leitura. As letras representadas das vogais ou sons da fala têm uma grande relação com a escrita, porém, a escrita não é o espelho da fala como é dito não é necessariamente como se escreve.

Quando existe uma troca de letras constante é possível imaginar que exista uma deficiência na origem fonológica das informações linguísticas que fazem uma diferença na habilidade Leco escritora da criança.

Os fonemas /d/ e/t/ são consoantes consideradas linguodentais. Sendo uma surda (/t/) e a outra sonora (/d/). Os pais devem sempre prestar atenção quanto ao uso desses fonemas pelos filhos para perceberem se estão sendo articulados de maneira corretas de forma espontânea na fala de seus filhos ou nas leituras de textos escolares.

É muito importante que os pais ou irmãos mais velhos ajudem a criança com distúrbio de aprendizagem como a dislexia a treinar os fonemas com o auxílio de uma gramática onde possam mostrar como são classificadas as palavras quanto ao modo da articulação.

Ao ensinar a criança deve se repetir várias vezes as palavras e pedir que a criança dislexa olhe o movimento labial que é feito para falar certos fonemas e em seguida pedir que a criança repita o fonema imitando a articulação labial feita, pode-se dizer que este sistema é antigo, mas o importante é o aprendizado, não importando ele como for.

A repetição é a mãe do conhecimento. Será a repetição que trará a consciência dos fonemas. Desta forma, ajudará muito se os pais assim o fizerem para seus filhos. Uma vez que a família é extremamente responsável pelo sucesso acadêmico dos seus filhos e por isso os pais não devem ter qualquer receio de abrir uma gramática ou um dicionário escolar para ensinar a língua materna.

Os pais que se propõem a ensinar seus filhos mesmo não sendo pedagogos poderão dessa maneira auxiliar na formação leitora dos seus filhos.

## A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA

É necessário que o professor saiba definir que a dislexia é um distúrbio da leitura, ou seja, uma dificuldade de aprendizagem propriamente da leitura. Portanto nem todo indivíduo com problemas de leitura pode ser diagnosticado disléxico sem uma prévia análise, sendo assim o professor tem que analisar também sua prática como professora para poder identificar os erros que acontecem na prática do dia a dia da sala de aula, pelo fato de não estarem plenamente preparados para a convivência com as diferenças encontradas em sala de aula.

A habilidade de ler e escrever poderia ter retorno melhor em seu meio com o trabalho interdisciplinar e a ajuda de profissionais da medicina como psicólogos e fonoaudiólogos, mas com soluções endógenas, advindas do próprio ambiente escolar.

O professor, principal agente do processo educador, precisa ter qualificação referente à pedagogia da escrita. Além disso, necessário se faz um trabalho eficaz dentro da escola, pois problema como troca de letras simétricas perdurará por toda trajetória escolar. Em alguns casos, claro, com menos frequência. Em outros, porém não.

Para evitar esses problemas seria necessário construir uma consciência fonológica dos sons e da fala, através de um ensino eficiente das vogais e das consoantes em sua língua materna. A partir desse processo a criança passará a pensar melhor ao escrever palavras com as letras simétricas, e como resultado da falta de consciência fonológica, aparecerá em sua escrita formal os alunos, “saltarem” grafemas.

Ler é superar a desigualdade social é ir além dos vocábulos é interpretar, compreender, criar, descobrir e acima de tudo aproveitar o reino do conhecimento. Mas para que isso ocorra é muito importante a participação da família.

Atualmente os pais dizem que as escolas públicas e privadas não dão uma resposta aceitável e em tempo hábil sobre as crianças que possuem problemas de leitura e escrita.

Dizem ainda também que a escola não responde de forma eficaz ao desafio de conviver e de lidar com crianças especiais com os disléxicos. Muitas famílias relatam as dificuldades de linguagem de seus filhos.

Os motivos para tais deficiências são vários, mas é que a escola produz leitores ruins a todo tempo.

Essas escolas ainda não entenderam que ensinar bem é favorecer a memória dessas crianças a longo prazo, para que quando essas crianças cheguem a última etapa do ensino básico, possam se sair bem na hora de ler um livro ou escrever um texto para um concurso ou vestibular.

Esses alunos que com dificuldades sempre são isolados dos demais, e com isso o aluno acaba não superando suas dificuldades ou limitações levando-os a terem um comportamento mais agressivo e violento.

Muitos alunos têm comportamentos agressivos por não atingirem os resultados esperados nas escolas e com as dificuldades de lerem e escreverem acabam tendo um rendimento baixo nas avaliações escolares.

Quanto menos cultura e conhecimento a criança têm, mais favorável a violência ela fica, os alunos com dificuldades de leitura e, a cada tentativa sem sucesso são levados a faltarem às aulas para ficarem nas ruas com companhias não





boas.

A mudança na educação de uma forma geral é precária e exige muito sobre novas posturas e adaptações para que realmente aconteça algo.

Ao se falar em mudanças na educação estamos falando em juntar vários assuntos e elementos que possam caracterizar o que é necessário para beneficiar o meio social, uma vez que essa mudança pode ser tanto para melhor como para pior.

Essa ideia de mudança acarreta aspectos históricos, socioeconômicos e culturais, portanto, diversos setores e assim fica mais difícil caracterizar uma mudança como algo imediato, já que ela só acontece como processo e atrelada a vários elementos.

A habilidade de ler e escrever poderia ter retorno melhor em seu meio com o trabalho interdisciplinar e a ajuda de profissionais da medicina como psicólogos e fonoaudiólogos, mas com soluções endógenas, advindas do próprio ambiente escolar.

O professor, principal agente do processo educador, precisa ter qualificação referente à pedagogia da escrita. Além disso, é necessário se faz um trabalho eficaz dentro da escola, pois problema como troca de letras simétricas perdurará por toda trajetória escolar. Em alguns casos, claro, com menos frequência. Em outros, porém não.

Ademais é preciso que todos, sobretudo os educadores estejam atentos, pois entre oito ou nove anos de idade é necessário observar eventuais problemas de leitura e de escrita. Neste período trocar fonemas, refletirá algumas vezes, numa deficiência de ordem linguística, na formação linguística inicial (alfabetização e letramento) da criança. Sabemos que muitas deficiências estão enraizadas na própria pedagogia.

É de todo lamentável que muitos de nossos formadores tenham deficiência de formação. Claro, a má instrução é involuntária. Todavia, traz consequências sérias para o processo leitor.

Se, no entanto, ensinarmos com cinco vogais, usando o sistema linguístico da Língua Portuguesa, será este alicerce fraco demais, proporcionando ao aluno uma possível dislexia, esta pedagógica. Sabemos que são 12 vogais. Vogais são os sons da fala. Vogais não são letras. Vogais são fonemas, isto é, unidades sonoras distintivas da palavra. Vogais têm a ver com a leitura. As letras, que representam as vogais ou sons da fala, têm uma estreita relação com a escrita. Não obstante, a escrita não é espelho da fala. Como se diz, não é necessariamente como se escreve.

Os pais devem estar atentos quanto à articulação desses fonemas: Estão sendo bem articulados por seus filhos na fala espontânea ou na leitura de textos escolares? Se a resposta for negativa, tente exercitá-los para que possam perceber diferenças de sonoridade.

É dever dos pais mostrar quão importante é o hábito de utilizar manuais gramaticais, bem como dicionários. Aos filhos, com dislexia escolar, pode um pai ou mãe (ou mesmo um irmão mais velho) abrir a Gramática, e estudar fonemas e consoantes da língua portuguesa.

Observará a família, lendo as gramáticas escolares, como são classificadas quanto ao modo e ponto de articulação. Deve articular cada consoante.

## UM DISTÚRBO CHAMADO DISLEXIA

Muito diferente de outros termos de distúrbios de aprendizagem, a dislexia é definida como uma dificuldade específica de aprendizagem.

A dislexia está relacionada a uma dificuldade de leitura, sendo então que devemos descartar essa dificuldade de outros distúrbios que se referem a tipos como: distúrbios de audição e fala. Sugere-se que seja discutido o temo distúrbio como um distúrbio específico, definido em termos de domínio operacional coerente.

A dislexia ao contrário do que se pensa não é um resultado de uma má alfabetização, de uma condição econômica baixa ou de uma baixa inteligência, muito pelo contrário, a pessoa com dislexia tem uma inteligência e pode ou não ser de classe alta ou baixa.

A dislexia se apresenta de diversas maneiras e pode ser identificada na infância ou até mesmo na fase adulta. Quando os pais ou professores se depararem com crianças inteligentes e saudáveis, mas com problemas de leitura, soletração na criança deve procurar saberem se há casos de disléxicos na família.

O desenvolvimento da leitura é um dos primeiros desafios enfrentados pelos alunos na escola. Portanto precisam apresentar um bom desempenho na alfabetização que é considerado uma como uma peça-chave na evolução do aluno.

Mesmo com ajuda dos professores é necessário que os pais encaminhem seus filhos a tratamentos que ajudem no distúrbio dos disléxicos.

É necessário que o professor saiba definir que a dislexia é um distúrbio da leitura, ou seja, uma dificuldade de aprendizagem propriamente da leitura. Portanto nem todo indivíduo com problemas de leitura pode ser diagnosticado dislexo sem uma previa análise, sendo assim o professor tem que analisar também sua prática como professor para poder identificar os erros que acontecem na prática do dia a dia da sala de aula, pelo fato de não estarem plenamente preparados para a convivência com as diferenças encontradas em sala de aula.

O fato de os professores não estarem capacitados torna esse assunto muito difícil para ser abordado com os mesmos, pois é preciso ser encarado estas reflexões, sem medo de serem vistos como um profissional sem "ética", "desrespeitoso" ou "preconceituoso".

Faz-se necessário que na escola o educador esteja atento as crianças entre oito e nove anos de idade para problemas de leitura e de escrita, pois nesta fase a troca de fonemas reflete algumas vezes numa deficiência de ordem linguística, na formação inicial da alfabetização e do letramento da criança. Sabe-se que muitas deficiências são encontradas na própria pedagogia. E é fato que muitos profissionais da educação tenham deficiência de formação. Portanto a má formação dos educadores é involuntária e com isso traz sérias consequências para o processo leitor do aluno.

É muito importante que os pais ou irmãos mais velhos ajudem a criança com distúrbio de aprendizagem como a dislexia a treinar os fonemas com o auxílio de uma gramática onde possam mostrar como são classificadas as palavras quanto ao modo da articulação.

Ao ensinar a criança deve se repetir várias vezes as palavras e pedir que a criança dislexa olhe o movimento labial



que é feito para falar certos fonemas e em seguida pedir que a criança repita o fonema imitando a articulação labial feita, pode-se dizer que este sistema é antigo, mas o importante é o aprendizado, não importando ele como for.

A repetição é a mãe do conhecimento. Será a repetição que trará a consciência dos fonemas. Desta forma, ajudará muito se os pais assim o fizerem para seus filhos. Uma vez que a família é extremamente responsável pelo sucesso acadêmico dos seus filhos e por isso os pais não devem ter qualquer receio de abrir uma gramática ou um dicionário escolar para ensinar a língua materna.

Os pais que se propõem a ensinar seus filhos mesmo não sendo pedagogos poderão dessa maneira auxiliar na formação leitora dos seus filhos.

## O TRABALHO COM PALAVRAS

Agora falaremos sobre duas formas para o reconhecimento das palavras:

- a) a fonológica - ou indireta.
- b) a rota visual ou léxica- direta.

A rota primeira permite a ler os textos, segmentando, através de metalinguagem, ou em sílabas, sons (fonemas). O leitor alcança a chamada consciência fonológica. Esta rota é o caminho para o alfabetizador, em sala de aula, como método fônico de leitura.

Por ela lemos qualquer palavra na nossa língua, a rigor, nosso idioma não possui formas irregulares, impossíveis de serem lidas (exceto os estrangeirismos). Enfim, esta via, auxilia no processo de aquisição da leitura: - Identificar as letras através da análise visual; - Recuperar os sons mediante a consciência fonológica; - Sons com o uso do léxico auditivo;

A via em questão mais lenta, que a direta, pois o processo mais extenso até reconhecer a palavra, porém, não é menos importante e, ainda, afirmamos que os estágios primeiros da aprendizagem da leitura dependem da consciência fonológica. A rota direta ou léxica é uma global e rápida -permite o reconhecimento da palavra e, pronúncia imediata sem analisar os signos que a compõem. Passos da leitura:

- Analisar globalmente a palavra escrita: análise visual; - Ativar as notações léxicas;
- Chegar ao significado no léxico interno (vocabulário);
- Recuperar a pronúncia no caso de leitura em voz alta. Pela forma direta pode-se explicar a facilidade de reconhecer as palavras cuja imagem visual temos visto com muita frequência. Ou seja, nesta rota lemos o que são familiares a nível de escrita.

Ela é base para a prática do método global de leitura (também chamado construtivista). Mas, as duas rotas não se excluem, porém. São ambas necessárias e coexistem na leitura hábil. Quando habilidade de ler se desenvolve, intensificamos as estratégias da via direta ou léxicas ou ambas ao mesmo tempo.

A biblioteca pode ser vista como um espaço de interação social e cultural. Fisicamente, poderá ser local de encontro e de socialização. Em Portugal, sobretudo em locais onde escasseiam espaços públicos deste estilo, funcionários desta tiram proveito de instalações recentes, confortáveis tornando-as acolhedoras. Atualmente, é espaço de socialização e vida cultural de diferentes etnias. Crianças do ensino básico que, barulhentas e inquietas, fazem repensar esses espaços, e de emigrantes que acorrem à Internet e que encontram seu espaço. Além disso, há programas, que se debruçam sobre a literária computacional, ou seja, qualificações que habilitem ao uso de computadores e dos aplicativos de uso mais generalizado para pessoas desfavorecidas.

Querem usar computadores sem ao menos saber ler. Como lidar com contextos e formas de cognição outras sem ter sido transformado por processos de aprendizagem? O incentivo às experiências já feitas e estudadas, sobretudo, noutros países carecem de análise atenta e informada para que se possa antecipar a sua utilidade e eficiência para que se possam desenvolver projetos que tenham em conta as deficientes competências em literária básica de nossa sociedade.

Conceito que, como adiante referirei, ultrapassa em muito as simples capacidades computacionais. Como estão a exercer os seus direitos culturais, numa sociedade da escrita e do documento, cidadãos e cidadãs que não possuem as competências de codificação e decodificação requeridas. Não há como fingir a enorme quantidade da massa adulta que não possui competências de literária básicas quanto mais as requeridas para operar com catálogos automatizados, com documentos eletrônicos, com hipertextos.

Nos preocupamos como seres engajados que somos. Diante de sucessivos relatórios que apontam para crescentes problemas de literária também na população jovem e recentemente instruída ou que abandona precocemente a escola? Advogo, pelo contrário, para as e os bibliotecários um papel de intervenção cultural que requer a contextualização do que é uma biblioteca pública na transição para uma sociedade da informação, cada vez mais interligada num universo globalizado

É preciso que os alunos aprendam como é o processo linguístico desde o início. Assim, poderão se servir não só da língua mãe, mas também para as demais disciplinas escolares. Um cálculo tem muito a ensinar além do resultado.

Esse aprendizado deve ser concreto para as crianças. Tanto na escrita, como na leitura, e também no cálculo de forma prazerosa, lúdica. Quem sabe, ensina. Aquele que leciona, é obrigado a saber o que será repassado para o aluno, e propiciar a ele um contemplamento do conhecimento. E vice-versa.

Nas ruas, as crianças não aprenderão informações linguísticas. Somente poderão deduzir, tendo como base a fala. Mas, dentro da escola, com bons profissionais é que de fato absorverão o necessário para uma vida fora da escola.

Na educação atual nos deparamos com diversas reclamações de pais que questionam tanto escolas públicas como escolas particulares sobre a falta de uma resposta para as crianças que não conseguem ler, sofrendo assim as crianças com a dificuldade de aprender a ler no ensino fundamental. Essas dificuldades atingem todo tipo de criança, sendo elas ricas, pobres, brancas ou negras, latinas ou europeias.

As escolas não sabem responder de forma concreta e direta sobre o desafio de trabalhar com essas crianças com dificuldades ou necessidades especiais e principalmente com crianças com dificuldades de linguagem também como a disgrafia, dislexia entre outros problemas.

A dislexia é um problema encontrado quando a criança não encontra um sentido diante de um texto ou quando uma criança não lê bem, já a disgrafia e quando a criança encontra dificuldades na ortografia ou na hora de escrever.

O que preocupa o país atualmente são esses distúrbios de letras, pois sabem que o progresso e o sucesso escolar



dependem muito de uma boa aprendizagem e de uma boa leitura.

Muitos pais atualmente reclamam das dificuldades que as crianças apresentam como a dificuldade de leitura e de escrita, e essas dificuldades são apontadas como a má qualidade de ensino das escolas.

Processos perceptivos e processos lexicais ocorrem através da decodificação. Os processos perceptivos referem-se à percepção visual. Esta disponibiliza a compreensão acerca de coisas, lugares e eventos do mundo visível. Logo, esse entendimento, está atrelada a ideia de memorização.

De longo prazo e a cognição. É através dessa consciência que vai se construindo um leitor, especialmente através da sua percepção visual.

Aprendemos a ler simplesmente com o poder do olhar, ou seja, simplesmente fixamos nosso olhar à símbolos impressos ou em palavras e nas menores unidades contra sativas num sistema de escrita.

Ademais precisamos ler o que vem implícito nas linhas, ou seja, as entrelinhas. O que não está explícito no texto.

Sem resposta ou solução escolar, muitos pais recorrem a profissionais da saúde como psicopedagogos, fonoaudiólogos e neurologistas na busca de soluções para tais problemas, e não é por acaso que muitos profissionais como estes tornam-se autores de obras relacionados com a patologia da linguagem sendo grande leitores e autores de grandes obras.

## A FALTA DE ENTENDIMENTO NA EDUCAÇÃO

A falta de entendimento na educação escolar é o meio e o fim da comunicação humana. Entretanto, a educação para a compreensão está ausente do ensino. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensão mútua.

O desenvolvimento desta qualidade pede a reforma das mentalidades. Essa deve ser a obra para a educação do futuro. A compreensão mútua entre os seres humanos, quer próxima ou estranha, é daqui para frente, vital para que as relações humanas saiam de seu estado bárbaro de incompreensão.

Educar para compreender uma disciplina é uma coisa; educar para compreensão humana é outra ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade.

A comunicação não garante a compreensão. A informação, se bem transmitida é compreendida, traz inteligibilidade, condição necessária, mas não suficiente para a compreensão. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, a simpatia e generosidade.

A educação de um povo, de uma sociedade somente em parte se faz pelas suas escolas. Compreendida como o processo de transmissão da cultura, ela se opera pela vida mesma das populações e, mais especificamente, pela família, pela classe social e pela religião.

A escola, como instituição voluntária e intencional, acrescenta-se a essas outras instituições fundamentais de transmissão da cultura, como um reforço, para completar, harmonizar e tornar mais consciente a cultura, em processo natural de transmissão, e, nas sociedades modernas de hoje, para habilitar o jovem à vida cívica e de trabalho, em uma comunidade altamente complexa e de meios de vida crescentemente especializados.

Quanto mais estável a vida cultural e mais regular os seus processos de mudança, mais simples seria, assim, a função da escola. Somente com a Reforma e o Renascimento, vemo-la, em nossa civilização ocidental, ganhar certa importância, mas, ainda então, se reduzia à transmissão daqueles traços mais especializados da cultura ler e escrever e a educação intelectual e profissional superior a pequenos grupos aptos da sociedade, destinados a constituir o seu quadro consciente e, sob certos aspectos, dirigente.

A complexidade do problema educacional é a falta de compreensão complexidade semelhante à da própria vida humana, mas, assim como não devemos arregimentar nem uniformizar a vida, não podemos uniformizar nem arregimentar a educação.

A unidade da educação nacional, como a unidade da vida brasileira, decorrerá da conciliação que soubermos estabelecer entre os seus dois aspectos fundamentais de organização e liberdade, responsabilidade e autonomia

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo para uma nova mudança na educação está ligado a sociedade que pede as escolas uma boa formação aos seus filhos e que o espaço escolar ofereça isso aos alunos, pois as instituições de ensino atuais estão despreparadas e precisam aprender para então desempenhar sua função social de fato.

Essa sociedade que pede essa mudança na educação já é uma sociedade bem diferente da sociedade de outros momentos históricos, pois hoje em dia com a internet é possível ver que essa mudança do modelo de conhecimento já é possível a partir de uma simples ferramenta que conduz a um novo mundo que é o mundo virtual e real ao mesmo tempo.

Portanto, isso vem colaborando com a tomada de consciência quanto à necessidade da mudança dentro de uma nova sociedade.

Atualmente estamos em uma fase de grandes mudanças no trajeto para uma sociedade da informação, que afetam também à Educação.

Devemos repensar com muita atenção e cuidado os modelos aprendidos até hoje.

O aprendizado com tecnologias são desafios que até agora não foi encarado a fundo, e por isso, é necessário que sejam feitas adaptações do que já conhecíamos.

Sabemos que tanto a educação presencial quanto a educação a distância passando a ser modificada e todos nós, estamos sendo desafiados a encontrar novos modelos em todas as situações.

Com isso, podemos pensar então na educação como uma roupa que necessita de ajustes para servir novamente em alguém, como se com o tempo ela tivesse engordado ou emagrecido.

Podemos dizer que seria difícil comparar a mudança necessária na educação com um conserto de roupa, porém, já sabemos que tantos são os componentes desse processo que é produzido por pessoas que possuem vontade própria, ideias e necessidades diferentes para uma sociedade tão mudada.

Nesse processo de grandes mudanças na educação ganham destaque a participação pela gestão em nível da comuni-



dade escolar e da sociedade como um todo, no âmbito da escola pública.

Atualmente as mudanças presenciadas pela escola causam uma grande preocupação aos dirigentes e profissionais com sua responsabilidade na prestação de contas aos seus usuários mais próximos.

As escolas devem trabalhar de maneira que atendam às necessidades dos alunos encaminhando os problemas dos mesmos a possíveis soluções, revendo os valores e desativando os mecanismos inúteis e ativando novos mecanismos que possam estabelecer uma estreita relação entre escola e comunidade.

#### REFERÊNCIAS

DURANTE, M. Alfabetização: Leitura e Produção de Textos: Porto Alegre: Artmed, 1998.

FERREIRO, E. – Alfabetização e Cultura Escrita. Revista Nova Escola, São Paulo, Maio 2003.

FERREIRO, E. Com Todas as Letras. São Paulo: Cortez, 1992.

FOUCAMBERT, J. A Criança, o Professor e a Leitura. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GARCÍA, Jesus Nicasio. (1998). Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas.

HOUT, Anne Van, SESTIENNE, Françoise. (2001). Dislexias: descrição, avaliação, explicação e tratamento. 2ª ed. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artes Médicas.

JAMET, Eric. Leitura e aproveitamento escolar. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2000.

LAJOLO, M. Do Mundo da Leitura. São Paulo: Ática, 1999.

MARCHESI, A.; MARTINS, E. Qualidade do Ensino em Tempos de Mudança. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PERRENOUD, P. Pedagogia Diferenciada: Das Intenções à Ação. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PERRENOUD, P. Avaliação – De Excelência à Regulação das Aprendizagens. Entre duas Lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

PIAGET, J. Para onde vai a Educação? Rio de Janeiro: José Olímpio, 1984.







# Unifahe

FACULDADE A DISTÂNCIA

Revista Faculdade Unifahe - Grupo Unifahe Educacional  
Rua Tupinambá, 606 - Bairro Tapajós  
CEP: 79.980-000 - Mundo Novo - MS  
Volume 1, Número 1  
(Junho, 2022) - SP  
Revista sem fins lucrativos